

# RUGBY

## REVISTA

ANO I • N.º 8 • MAIO 1981 • 4\$00

**PROVADO  
NA ESCANDINÁVIA:  
LUGAR DE PORTUGAL  
É NO GRUPO B**

**TÉCNICO  
CASCAIS E CDUL  
CAMPEÕES 80/81**



**Forma**

# COZINHAS

**octogono**



# Fortelast<sup>®</sup> 7



## A LIGADURA ELÁSTICA

**Leve**  
**Resistente**  
**Recuperável**



JABA - J. A. Baptista d'Almeida, Lda.

À VENDA NAS FARMÁCIAS

30 MAIO 1981

## sumário

Os campeões 80/81 .....	5
Por cá .....	9
Ainda o Portugal-Inglaterra em juvenis .....	11
Federação .....	15
A «operação» escandinava .....	17
Juniões e integração europeia ..	24
Ser capitão de equipa .....	24
Comentários soltos... ...numa ideia ligada .....	25
Jogar a... Formação .....	33
Lá fora .....	37



## ficha

**Director:** João Fragoso Mendes.**Consultores Técnicos:** Pedro Sousa Ribeiro (Londres) e Vasco Pinto de Magalhães — Cabral Fernandes (Coimbra). **Fotografia:** António Santos, José Maurício e João Queiró (Coimbra), Foto-Rugby. **Direcção****Administrativa:** João Manuel de Oliveira. **Colaboradores:** António Aguilár, António Catarina (Porto), Delfim Barreira, Don Rutherford, Duarte Leal, Eduardo Santos Costa (Coimbra), Ian Gibson, João Bagulho (Elvas), João Paulo Bessa, Joaquim Vasconcelos, José Paixão, José Redondo (Lousã), Manuel Cabral, Mike Williams, Pedro Lynce, Peter Hughes, P. J. Colston, Raul Martins, Tennick. **Propriedade:** J.F. Mendes.**Redacção e Administração:** Rua Augusto Gil, 12-2.º Estd., 1000 LISBOA. **Composição e impressão:** Empresa Industrial de Fotolitografia, Lda. — Rua Saraiva de Carvalho, 207-C, Lisboa. **Distribuição:** Rugby-Revista. Edição mensal.

Este número de «Rugby-Revista», por imprevistas dificuldades de ordem técnica saiu alguns dias atrasado, em relação à data que havíamos anunciado. Do facto aqui deixamos os nossos pedidos de desculpa.

# NÃO FOI POR ACASO

Não foi por acaso. Não foi mesmo por acaso que Portugal ganhou o grupo C do Campeonato da FIRA, talvez o mais importante dos triunfos desde sempre obtidos pelo rugby nacional. É certo que algumas vitórias bem saborosas foram alcançadas em anos passados, mas a de agora tem um significado especial, talvez, principalmente pelo momento em que foi obtida.

Como aqui se tem insistido, tornava-se urgente que o rugby surgisse aos olhos da opinião pública desportiva deste país como uma «modalidade vencedora». E tal aconteceu. O trabalho desenvolvido desde há alguns anos está a dar os seus frutos e esta campanha cem por cento vitoriosa fez finalmente falar no rugby com algum respeito, coisa que não acontecia há bastante tempo.

O grupo B — onde estávamos quando abandonámos as provas da FIRA — é o nosso «sítio». O rugby português vai estar, portanto, na próxima temporada entre os seus iguais.

Neste momento pode dizer-se que só nós, portugueses — e nem todos — acreditávamos que estávamos em prova para ganhar, para passar ao Grupo B. Daí certa surpresa, a nível internacional por este triunfo. Que poderá ser bastante benéfica, até mesmo internamente.

E agora? Esta uma questão pertinente que terá de ser posta. Portugal subiu e, cremos, para ficar. Mas, para que isso aconteça muita coisa terá de ser revista. Em primeiro lugar, e parece-nos que toda a gente estará de acordo, a selecção nacional terá de tornar-se num «quinze» competitivo. Isto é, frente a uma Polónia ou uma Espanha — para sermos muito concretos — equipas francamente mais fortes que a Suécia ou a Bélgica, não se poderá jogar com «paninhos quentes», não se poderão dar facilidades. O passo importantíssimo para a competição a sério terá de ser dado. E os jogadores portugueses já chegaram ao ponto em que isso terá de acontecer.

É verdade que «pagamos» neste momento os muitos anos de ausência — com que concordámos inteiramente — mas a chegada à maturidade rugbística não está longe. Algum trabalho e esse passo será dado. Desde que haja nisso verdadeiro interesse.

Daí não acreditamos nalguns anunciados abandonos. Neste momento, isto é, no torneio da próxima época — pelo menos — a presença de quem construiu este precioso triunfo é necessária. Há que acabar a obra iniciada. A continuidade há-de ser garantida. Mas, por enquanto, no primeiro embate com os nossos «pares», a experiência, o «sentir» do trabalho anterior, é muito importante. A selecção já é uma verdadeira equipa. O seu espírito e mística deverão manter-se.



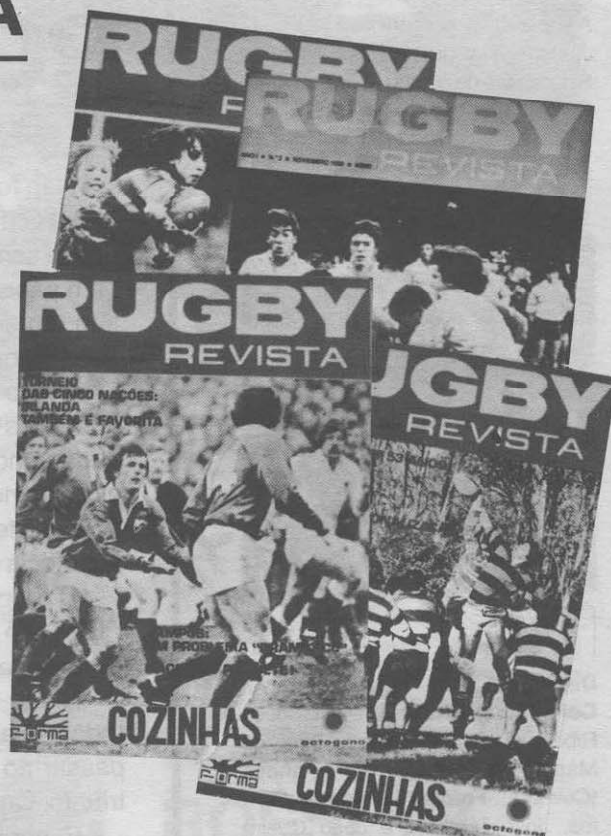
# RECEBA (SE NÃO TEM) OS NÚMEROS ATRASADOS DE RUGBY-REVISTA

*Você «distraiu-se» e «perdeu» os primeiros números de RUGBY-REVISTA. Concerteza está interessado em possuir a colecção completa, e quanto mais tempo passar mas difícil (e caro) será ter todos os exemplares já publicados.*

*Para os obter só tem que nos escrever e juntar (claro!) a importância respectiva (Cheque ou Vale Postal).*

*Depois, recebê-los-á, pelo Correio, sem mais problemas, como sucede com os nossos assinantes. E, a propósito, porque é que não aproveita a ocasião e assina RUGBY-REVISTA?*

Pedidos para:  
Rugby-Revista  
Rua Augusto Gil, 12-2.º Esq.  
1000 LISBOA



## VOLTAMOS EM OUTUBRO

Este número de «Rugby-Revista» é o último do nosso primeiro ano. Como à partida programámos o referente ao mês de Maio (este) encerra, praticamente com a época, o primeiro ciclo de vida desta revista. Em Outubro cá estaremos de novo

Esta paragem, que nos é imposta pelo «defeso» servirá para efectuarmos o balanço de uma época — a nossa — reflectirmos sobre o que esteve bem ou mal (a vossa ajuda é, neste particular, preciosa) e prepararmos o arranque para a temporada de 81/82. Que os mais cépticos fiquem descansados: vamos voltar mesmo em Outubro!

Logicamente, não somos nós as pessoas mais indicadas para aqui, neste local, avaliar se este primeiro ano foi positivo ou negativo. É claro que temos as nossas ideias, mas essa apreciação tem de ser sua, de quem compra e lê esta revista. Cremos, no entanto, que não fugimos à linha de orientação que traçámos no início — expressa no Estatuto Editorial — e que tentámos, de número para número, melhorar.

Esforçámo-nos para que «Rugby-Revista» fosse cada vez mais a revista do rugby português, que aqueles que se interessam pelo rugby tivessem à sua disposição uma publicação especializada a «falar» português.

É óbvio que houve falhas (e das grandes) mas prometemos melhorar. Esta pausa — um pouco longa, reconhecêmo-lo, mas que nos é imposta por um defeso também ele muito longo — irá permitir-nos melhorar estruturas, estudar o que esteve mal (de novo apelamos à crítica de quem nos lê) e procurar as soluções possíveis.

Em Outubro — em princípio no dia 5, quando do Festival de Abertura — o número 9 de «Rugby-Revista» estará à sua disposição. O tema dominante será o balanço da época de 80/81 (tanto nacional como internacional) e aquilo que se prevê venha a ser a de 81/82.

Até lá, um abraço e a promessa de que voltaremos, dentro do possível, com mais «força».





*Esta a formação do Técnico que defrontou o CDUL, no jogo da segunda volta do «nacional»*

## TÉCNICO: CAMPEÃO NACIONAL COM DEZ PONTOS DE AVANÇO

O Técnico terminou o «nacional» invicto deixando o CDUL, o segundo classificado, a dez pontos. Se no que diz respeito à invencibilidade o feito não é inédito — embora seja de registar — o ter terminado a prova com dez pontos de vantagem, isso, tendo em vista os anos mais recentes, constitui um acontecimento.

De facto, num campeonato com apenas 14 jornadas, conseguir tal avanço diz bem da superioridade do campeão sobre os seus adversários. Na derradeira ronda o Técnico bateu o Benfica e beneficiando da derrota do CDUL frente ao Direito alcançou os tais dez pontos de diferença.

Este triunfo — até certo ponto surpreendente — dos «advogados» permitiu-lhes, isto por outro lado, fugir ao incómodo penúltimo lugar. De resto, e como se previa a derradeira jornada da prova provocou algumas «mexidas» na tabela classificativa. Assim, o CDUP, que realizou um excelente campeonato (o seu melhor pelo menos nos últimos sete ou oito anos) ao bater, no Porto, a Académica, ultrapassou-a, classificando-se num «inesperado», mas justo, terceiro lugar.

Agronomia, por seu turno desenvencilhou-se do Belenenses no último dia, confirmando o seu quinto lugar.



*Dois para um! Uma imagem que ilustra o que foi o campeonato dos «engenheiros, sempre superiores — e em superioridade — aos seus adversários*

O Benfica e o Belenenses, por fim, derrotados na 14.ª ronda, ocuparam os dois últimos lugares. Se os «azuis» a isso já estavam «condenados» há algum tempo, os «encarnados» só mesmo no fim para ali foram relegados.

No início da próxima temporada estas duas equipas terão de medir forças com o Cascais e o RC Coimbra, na «liguilla» de apuramento para a I divisão. Algo que não estava nas previsões dos benfiquistas antes

do início da prova, principalmente após o seu triunfo no Torneio de Abertura.

Em resumo e para já — o balanço deste campeonato assim como o de toda a temporada, Taça(s) de Portugal incluída será publicado no número de abertura da próxima época — três pontos a salientar: o triunfo incontestado e incontestável do Técnico; o terceiro lugar do CDUP; e a posição, nada condizente com os seus «pergaminhos», do Benfica.



14.ª JORNADA

Técnico 9 — Benfica 6  
 CDUL 12 — Direito 19  
 CDUP 23 — Académica 15  
 Agronomia 15 — Belenenses 9

CLASSIFICAÇÃO

	V	E	D	M-S	P
Técnico ...	13	1	-	213-106	41
CDUL .....	8	1	5	214-157	31
CDUP .....	7	6	1	187-154	29
Académica	7	-	7	214-171	28
Agronomia	6	1	7	153-212	27
Direito ....	5	1	8	149-193	25
Benfica ...	5	1	8	111-182	25
Belenenses	1	2	11	136-202	18

\* Classificação corrigida, elaborada com base nos boletins de jogo.



O «quinze» do CDUP, a outra sensação do «nacional, um 3. classificado surpreendente

# TÍTULO DA II DIVISÃO FOI PARA CASCAIS

ANTÓNIO AGUILAR

O Dramático de Cascais sagrou-se, no passado dia 23 de Maio, muito justamente campeão nacional da II divisão ao bater na finalíssima o Rugby Clube de Coimbra, por 11-9, resultado obtido durante o primeiro tempo.

Num jogo sem grandes pormenores técnicos em que o recurso ao pontapé

prevaleceu sobre o jogo à mão, o Cascais acabou por ser a melhor equipa em campo, a que praticou o rugby: mais esclarecido nas «formações» e a que mais pressão exerceu. A veteranaria e experiência da maior parte dos jogadores do RCC, que se julgava suficiente para se impôr ao Cascais, funcionou em sentido contrário, ou seja, quebrando fisicamente muito cedo enquanto o Cascais constitui-

do por elementos mais novos deu sempre a ideia de estar mais fresco. Para a história a ficha do jogo. No Estádio Universitário de Lisboa, sob a arbitragem com alguns erros técnicos do sr. Picão de Abreu, as equipas alinharam e marcaram:

CASCAIS — Manuel Luís (3); Castro, Durão, Pinto Coelho e Beleza (4); Berant e Jonet, Esteves (4), Cajó e Nuno; Igreja e



A equipa do Cascais que conquistou o título nacional da II divisão



António Manuel; Serra (Silva), Morais e Bibas.

R.C. COIMBRA — Licá, Sérgio Santos, Seixas, Coelho e Eugénio (4); Paul e Sequeira; Toni (3.2), Vilela e Amândio; Magalhães e Brito Rosa; Pegado, Mário Rui (Coelho) e Coca (Jorge Ferreira). No jogo para o 3.º e 4.º lugares (S.

Miguel-Moitense) de lamentar a atitude do Moitense da Anadia que comunicou antecipadamente à Federação que não compareceria ao jogo com o S. Miguel alegando falta de meios financeiros. No ar fica a dúvida de que se estivesse na final o procedimento teria sido idêntico. Vamos antes esquecer e pensar que de

facto é difícil e requer muita carolice jogar rugby num clube tão isolado dos centros de decisão. Infelizmente não é caso único, houve muitas faltas de comparência durante a prova e o problema das distâncias não é razão suficiente; talvez a mentalidade do praticante (que não é exclusivo da II divisão) seja a grande culpada.

De momento ainda não é possível dar a classificação definitiva, desde a 4.ª à 16.ª posição devido aos jogos que foram adiados.

Resultados da Fase Final: quartos-de-final — RCC, V-Louletano, FC; S. Miguel, 30-Técnico B, 14 (primeira «mão»: 12-27); Cascais, 32-Barreiro, 4 (9-22); Moitense, 7-Estrela da Amadora, 3 (4-3). Meias-finais: S. Miguel, 8-R.C.C., 34 (3-29); Cascais, 41-Moitense, 9 (9-17).

Estes oito clubes presentes na Fase Final foram os apurados das duas zonas (Norte, Centro e Sul), que contaram desde o seu início (Novembro do ano passado) com vinte e três clubes, sendo sete destes representados pelas chamadas equipas «B».

A finalizar registre-se a irregularidade com que a prova se disputou, agravada devido à procedência do protesto do S. L. Benfica o que obrigou à repetição de quatro jogos da Série C da Zona Sul. Assim a Final que estava marcada, segundo o Plano de Actividades da Federação, para o dia 19 de Abril (Páscoa) veio só a realizar-se um mês depois.



Fase da final do «nacional da II divisão, disputada entre o Dramático de Cascais e o CR Coimbra

## CDUL: 160 MINUTOS DE FINAL PARA SER CAMPEÃO DE JUNIORES

À segunda foi de vez! De facto, o empate (3-3) verificado na final do Campeonato Nacional de Juniores entre o CDUL e Agronomia, para além de ter despoletado uma situação inadmissível, obrigou à realização de uma «negra», em que houve um vencedor indiscutível, o CDUL, após triunfo sobre Agronomia por 13-6.

Antes de entrar na apreciação do jogo da final refira-se que a «anomalia» verificada no dia 23 do mês passado, depois dos primeiros oitenta minutos, só foi possível por uma desatenção dos serviços da Federação. É evidente, e está escrito (RGC), que cabe à FPR a organização das competições, logo e neste caso também o estabelecimento da fórmula de desempate, pelo que as recriminações entre FPR e CNAR não tinham razão de ser. Para mais



No segundo jogo da final de juniores o CDUL mostrou-se mais determinado e certo que o seu adversário



◀ -de-formação, Marques Pinto, «pesaram» no desenrolar do jogo, tanto na conversão de uma penalidade como nos pontapés à «touche».

Como outros aspectos do jogo decisivo temos a reincidência dos médios e três- Quartos de Agronomia em não conseguirem suplantar a defesa em cima da linha contrária (com ajuda da 3.ª linha); o recurso ao pontapé, a nível de abertura, de Agronomia devido à falta de espaço para abrir; a inoperância das duas linhas atrasadas em passarem a linha de vantagem; as excelentes mãos dos dois defesas, Cardoso Pinto e Lupi Belo; o domínio de Agronomia nas formações ordenadas e o bom jogo dos saltadores do CDUL na «touche».

As equipas alinharam e marcaram:

AGRONOMIA – Cardoso Pinto (2); Sá, Luís Gomes, Mateus (Gaivão) e Ribeiro; Fróis e José Doti; Rebelo de Andrade, Brito e Bravo (4) (Raimundo); Santos e Campelo; João Doti (Sarmento), Bráulio e Carapuço.

CDUL – Lupi; Belo (2); Domingos (Belchior), Luís Filipe, Stillwell (4) e Cortes (A. Moita); Jalles (4) e Marques Pinto (3); Abecassis, João Pedro e Esteves; Cunha e Rebelo de Andrade; Frederico, Tozé e Ferreirinha.

Ao intervalo: 13-6. Resultado final: 13-6.

desde o primeiro despique que nos tinha ficado a ideia das características principais dos dois «quinzes».

De um lado uma Agronomia plena de força, com um «pack» avançado de maior índice físico, mas mais jovem e inexperiente, ressentindo-se o seu rugby sempre que o adversário fazia «pressing» – e tão bem ele o exerceu. Em ambos os jogos o facto de ter de recuperar situações de desvantagem no marcador retirou aos jovens «agrónomos» a lucidez, situação, aliás, própria da sua inexperiência.

Por seu turno, o CDUL, embora apresentando maior fragilidade física, foi sempre a melhor equipa em campo, praticando um rugby mais certo e mesmo quando acosada pelo adversário em situações difíceis teve a vantagem de ter nas suas fileiras dois ou três jogadores já «adultos» que resolveram esses problemas.

Ainda está na nossa retina um exemplo do atrás referido, quando, na «segunda final», o n.º 15 do CDUL, Lupi Belo, roubou a bola a dois adversários que tentavam um ataque à mão nos seus 22 metros, correu até à área contrária e aí proporcionou a Jalles a marcação do ensaio da tranquilidade (7-0 para 13-0). Continuando nas «individualidades» também os pés do médio-

## UM «NACIONAL» AOS SOLUÇOS

A irregularidade deste «Nacional» ficou como o ponto mais negativo da prova. Interromper durante seis semanas a actividade, quando faltavam duas jornadas para o apuramento dos finalistas, dificultou ao máximo a tarefa dos treinadores. Para o 3.º e 4.º lugares, a Académica de St.ª Luzia de Elvas não compareceu ao jogo com o S. Miguel, invocando razões económicas, manchando deste modo a boa carreira realizada na fase final. Como nota final o nosso desacordo pela forma como é apurado o campeão, numa finalíssima, em oitenta minutos, em que muitas vezes um lance de sorte ou azar pode determinar a vitória numa prova que se diz de regularidade. Curiosamente, por capricho do jogo, houve que realizar dois jogos – enfim, escreveu-se direito por linhas tortas! — A.A.

o árbitro, antes do início da final, viu as suas dúvidas insatisfeitas, quando solicitou aos dirigentes federativos os esclarecimentos necessários. Fiquemos pela tão conhecida frase «errar é humano» e... adiante.

Sem atingir grandes primores técnicos, o segundo jogo da finalíssima deste atribulado e maltratado «Nacional» foi de longe superior aos primeiros oitenta minutos. Já

## naxa

### Especialistas em Ténis

 **DUNLOP**



### Encordoações e Grips

### Fabrico próprio de equipamentos para equipas de Rugby

### Grande sortido para todas as modalidades desportivas

AV. ÁLVARES CABRAL, 86 A

TELEF. 68 18 77





## III ENR EM 27 E 28 DE JUNHO

O III Encontro Nacional de Rugby (ENR) terá lugar, no Centro de Estádio da Cruz Quebrada, no fim de semana correspondente a 27 e 28 de Junho, aí devendo reunir as individualidades que de qualquer forma estão ligadas à modalidade, para debate, informal, das muitas questões que o rugby e sua organização (e não só) suscita.

A «ordem de trabalhos» já está fixada: 1 — Planos de Desenvolvimento; 2 — Estruturas das provas nacionais e participação em provas internacionais; 3 — Assuntos de interesse geral para o rugby.

## CURSO TREINADORES

De 18 a 21 de Junho, decorrerá no Centro de Estádio da Cruz Quebrada, a primeira parte de um curso de treinadores de 3.º grau. A iniciativa é da FPR de colaboração com o IND.

Nesta primeira fase entre os prelectores conta-se o francês Jacques Macou, conselheiro técnico regional de Orleans, e treinador da equipa daquela cidade que milita na I divisão francesa.

A segunda parte do curso terá lugar, no mesmo local, de 2 a 6 de Setembro, e dessa feita deverá estar presente o técnico inglês Mike Williams (treinador da equipa inglesa «under 16») — que assina neste número de «R-R» um artigo sobre o IV Portugal-Inglaterra em Juvenis — em substituição de Ian Gibson, inicialmente convidado, mas que nessa altura não pode deslocar-se a Portugal.

O curso é dirigido pelo prof. José Cordovil, secretariado pelo prof. Monteiro da Silva (IND) e contará com a colaboração dos prof. Monge de Silva, Jorge Lemos, Cabral Fernandes, Mirandela da Costa, Olgário Borges, Joseph Wilson, Delfim Barreira, Duarte Leal e dos técnicos eng.º Pedro Lynce e arq. João Paulo Bessa.

## MOITENSE EM ZAMORA

O Grupo Desportivo Moitense desloca-se a Espanha, onde, de 26 a 28 de Junho,

## RUGBY-REVISTA NA CIC-81

Um «Stand» da Rugby-Revista estará presente na C.I.C.-81, feira internacional que decorrerá em Coimbra de 27 de Junho a 5 de Julho próximos.

Julgamos ser esta iniciativa inédita nos meios rugbísticos nacionais, pretendendo-se, deste modo, uma maior divulgação da revista e da própria modalidade, tanto na região centro como a nível nacional.

A inauguração do certame terá lugar pelas 16 horas do dia 27 de Junho. Lá o esperamos!

participará num torneio internacional de rugby, integrado nas festas da cidade de Zamora.

## FESTA DO GDD

O Grupo Desportivo de Direito promove, no dia 13 de Junho, a sua tradicional festa. A partir das 11 horas, no Estádio Universitário de Lisboa, como habitualmente os actuais e antigos — dos mais jovens aos mais «veteranos» — cumprirão a parte desportiva do programa, que assinala a entrada no 30.º aniversário do clube. Depois, à tarde, na sede, na Rua do Salitre, haverá um lanche que se prolongará para o jantar, previsto para o Parque Mayer.

## PORTO GANHA NOVO CLUBE

Mais um clube aderiu ao rugby na cidade do Porto. Desta feita trata-se de uma das mais populares colectividades, o FC da Foz que «apadrinha» a iniciação de cerca de 30 jovens das categorias de iniciados e juvenis.

## INTERCÂMBIO CANCELADO

O V Intercâmbio Coimbra-Valladolid foi cancelado por parte da Federation Vallisoleana de Rugby, por alegadas dificuldades dos clubes seus filiados envolvidos.

Esta interrupção no já tradicional intercâmbio, verificou-se apenas este ano pois a própria FVR manifestou já interesse na sua continuidade, sendo ela própria e não os clubes, quem, em 1982, preparará as próximas deslocações a Portugal e a recepção dos portugueses em Valladolid.

## AAC GANHOU “GALP-GAZ”

Com o apoio da «Galp Gaz» realizou-se, em Coimbra, no passado dia 9 de Maio a terceira edição o «Torneio Galp», prova organizada e integrada no calendário anual do Comité Regional.

Por impossibilidade de última hora, a equipa do TECA não pôde estar presente, o que obrigou à disputa do torneio em moldes inéditos. Presentes o CD Arquitectura (vencedor recente do Campeonato de Espanha) do CDUP e da Académica, que disputaram a prova em encontros de 40 minutos numa tarde.

A Académica bateu os espanhóis por 4-0, empatou logo de seguida com o CDUP (3-3), e a finalizar Arquitectura derrotou o CDUP por 20-9. A classificação final ficou assim estabelecida: 1.º Académica 5 pontos; 2.º Arquitectura, 4; 3.º CDUP, 3. Os encontros foram dirigidos pelos árbitros de Coimbra Luís Coelho, Álvaro Santos e Mário Rui.

## DIREITO EM GALES

Regressou a Lisboa no passado dia 26 de Abril o primeiro XV do Grupo Desportivo de Direito que, como noticiámos, realizou quatro encontros no País de Gales.

Desta primeira digressão de uma equipa portuguesa àquele país alguns apontamentos interessantes ficaram na memória dos elementos da comitiva de Direito.

Se bem que nos não esqueçamos que a região onde Direito se deslocou, Pembrokeshire, é, em relação aos grandes centros de Rugby (Swansea, Cardiff, Llanelli, etc.) algo apartada, é curioso notar que, sendo o índice de pluviosidade seguramente mais elevado que em Portugal, não existe qualquer preocupação na construção de sistemas de drenagem nos campos de rugby. Basta que eles sejam inclinados para que o escoamento de águas se verifique... E tanto faz ser inclinado ao comprido como atravessado...





Direito e S. Miguel disputaram a final do Torneio Nacional de Iniciados, jogo a que se refere a foto

## INICIADOS DO DIREITO VENCERAM TORNEIO NACIONAL

DELFIM BARREIRA

Os iniciados do Direito conquistaram o Torneio Nacional da categoria, ao baterem na final, disputada no dia 10 de Maio, no EUL, o S. Miguel por 8-4. O Centro de Animação de Coimbra obteve o terceiro lugar,

depois de vencer o Emídio Navarro por 24-8, após prolongamento. Em 5.º e 6.º classificaram-se, respectivamente, o NR Viana do Castelo e o NR Aveiro.

Esta fase nacional da prova, na variante de «9», resultou do apuramento realizado su-

cessivamente a nível distrital e regional. As seis equipas participantes na fase derradeira, que teve duas jornadas (25/26 de Abril em Coimbra, e 10 Maio em Lisboa) foram distribuídas, no primeiro dia, por duas séries que foram vencidas por Direito e S. Miguel.

Foi esta característica dos campos onde o Direito jogou, aliada às fortes ventanias que se fizeram sentir, uma experiência novíssima em termos de tática de jogo a que a equipa portuguesa teve dificuldade em se adaptar. Por outro lado verificou-se com alguma surpresa que o nível da arbitragem nada tem a ensinar à mediania da arbitragem portuguesa, tendo inclusivé proporcionado um espectáculo inédito, que foi a cronometragem do último jogo. 35 minutos para a 1.ª parte e 30 para a segunda.

De qualquer forma o balanço final desta digressão pode-se considerar altamente positivo, sendo que os resultados dos jogos foram os seguintes: Pembroke — Direito 4-17; Newland — Direito 21-6; Temby — Direito 10-8; St. Davids — Direito 14-12.

De salientar além da vitória no primeiro encontro que nesta digressão Direito marcou ensaios em todos os jogos, num total de sete, o que demonstra que afinal os «advogados» ainda mexem na bola...



## S. POINTEVIN VENCE ACADÉMICA

A Académica defrontou, no dia 16 de Maio, em Coimbra, o «quinze» francês do Stade Pointevin (II divisão) com quem perdeu por 16-3.

Ao intervalo os conimbricenses venciam por 3-0, mas o maior poder físico e ritmo de jogo dos franceses, que se foram impondo

gradualmente, acabou por virar o resultado.

A deslocação do Stade Pointevin a Portugal constituiu a primeira concretização, no campo desportivo, do protocolo de geminação entre Coimbra e Poitiers e ficou a dever-se à iniciativa do CRRC, com o apoio da Câmara Municipal e da organização da «Queima das Fitas-81».



Na final, dirigida por José Nicolau, as equipas alinharam e marcaram:

DIREITO — Carvalho (4), Bessa, Dias, Seves, Reis (4) e Brown, Coelho, Dias, Rosa e Rui Silva;

S. MIGUEL — Jacinto, Sencanm, Carl, Carreira, Benitez, Vassalo, Simão, João Paulo, Eduardo e Oliveira (4).

No que diz respeito aos juvenis, e paralelamente aos torneios de âmbito distrital que se têm vindo a realizar, para encerramento da época, está ainda a decorrer o II Torneio Nacional de Rugby de XV, cuja final se irá disputar no dia 6 de Junho, em Coimbra, entre as equipas do Cascais e do CA Coimbra, depois destas terem eliminado, nas meias finais, respectivamente o CDUL (9-0) e o NR Leiria (28-0).

#### RUGBY NAS PRAIAS

No âmbito do Plano de Desenvolvimento do Rugby Juvenil, e de acordo com os seus objectivos, realizar-se-ão, no período de 15 de Julho a 15 de Setembro acções de dinamização e sensibilização nas praias, fundamentalmente junto das colónias de férias. Esta acção terá o seu ponto alto a 20 de Agosto, na Costa da Caparica, com a realização do Convívio Inter-Praias. ■



A equipa de Iniciados de Direito

## Ainda o Portugal-Inglaterra em juvenis

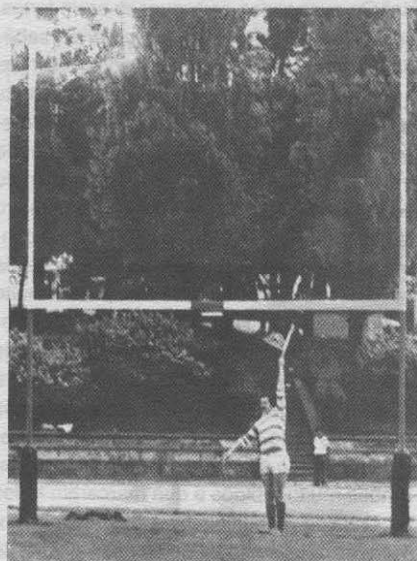
# O SUCESSO ARRASTA O SUCESSO

MIKE WILLIAMS \*

Já lá vão quatro anos desde que fui convidado pela RFSU para ser treinador adjunto de Ian Gibson na equipa «Under 16» (juvenis), com especial responsabilidade no treino de avançados. O meu primeiro jogo internacional nessa qualidade foi contra Portugal.

Um primeiro jogo internacional, qualquer que seja o escalão é, tal como outros passos na escada do progresso, um salto para o desconhecido. Dar esse salto num jogo contra um país do qual pouco se sabia, excepto a sua localização geográfica, foi uma experiência enervante. Quando pensava no jogo considerava que os nossos adversários portugueses gostariam de correr com a bola de modo semelhante aos franceses, mas que teriam talvez deficiências na placagem, que o jogo de avançados durante as fases abertas poderia causar problemas, mas que o seu jogo nas fases estáticas seria desorga-

\* Treinador adjunto da Inglaterra «Under 16»; treinador das equipas inglesas que jogaram em Portugal em 1979 e 1981.



Momento da marcação dos primeiros três pontos à Inglaterra

nizado e a sua primeira linha tecnicamente inexperiente. Enfim que a Inglaterra seria superior em todos os aspectos tanto nos

avançados como nas linhas atrasadas.

«Alegres portugueses poderão testar a Inglaterra» era o título de uma notícia na manhã do jogo. Mas ao fim da tarde isso mudava para «Tudo demasiado fácil para os rapazes ingleses». A diferença que separou as duas equipas residiu na capacidade dos avançados na conquista de bolas. Portugal foi sempre empurrado nas «melées» e demolido nos «ruck» e «maul»; as linhas atrasadas nunca tiveram bolas e, portanto, não puderam mostrar a sua capacidade atacante e na defesa a placagem foi deficiente. O jogo não chegou a ser realmente um teste e o marcador (42-0) reflectiu a extensão do domínio inglês.

Um ano depois, em Coimbra, a Inglaterra, calmamente, alcançou uma maciça vitória, por 60-0, praticando um rugby cintilante, no qual os avançados e linhas atrasadas actuaram com velocidade e poder. Apesar do resultado final pensamos que os jovens portugueses estavam mais treinados e disciplinados que no ano anterior. A Inglaterra tinha um grande forte e rápido conjunto de avançados, um sólido capitão — Adam





Portugal também atacou e só por manifesta infelicidade não obteve qualquer ensaio frente à Inglaterra

Bate — e alguns velozes três quartos. Até ao intervalo os portugueses conseguiram «estar» no jogo; depois disso não puderam opor-se à combinação das cargas directas dos avançados com a rapidez dos pontas.

A caravana inglesa regressou desta primeira digressão a Portugal com felizes recordações de jogos ganhos, de oposição competitiva, um grande número de amigos e, o mais importante, com a consciência de que existia em Portugal uma forte organização do jogo e uma grande determinação para o sucesso. Pessoalmente não mais esquecerei um jovem português de dez anos que, quando saímos do autocarro em Coimbra, nos saudou com as seguintes palavras: «então são vocês os ingleses que nos vêm ensinar como jogar rugby». E ainda, um pouco depois, a observação de um milhar de crianças competindo no torneio de «mini-rugby» de Coimbra, algumas das quais se haviam levantado pelas seis da manhã para nele participarem. A visão daqueles jovens jogando «mini-rugby» sob um sol quente constituiu uma inspiração e um aviso.

Dois anos mais tarde, a Inglaterra, depois de uma vitória em Twickenham por 31-0 (1980), voltou a Portugal. Desta vez o resultado foi de 39-3, bem mais pequeno que 60-0 de há dois anos. E pela primeira vez Portugal marcou pontos, através de uma penalidade pouco antes do intervalo. Aquilo que fica para a história e será lembrado daqui a uns anos, será o resultado final e este representa um passo em frente. No entanto aqueles que acompanharam a equipa da Inglaterra e eu, pessoalmente, entendêmo-lo diferentemente: o resultado dificilmente reflecte com justiça o salto dado pela equipa portuguesa.

Há dois anos atrás o «quinze» inglês treinou talvez uma hora e meia durante toda a estadia em Portugal. Este ano tivemos três sessões, uma de hora e meia, outra, mais intensa de três horas no dia seguinte ao jogo com a selecção de Lisboa — que vencemos um pouco desapontadamente por 33-0 — e uma outra mais curta na manhã do jogo internacional.

A razão para todo este trabalho foi o considerável progresso e melhoria que a equipa de Lisboa mostrou no primeiro jogo da digressão. Até aqui a Inglaterra tinha sido capaz de pôr em campo qualquer padrão de jogo que entendesse. O resultado do jogo estava mais dependente dos erros ingleses do que da defesa portuguesa. Agora vimos um conjunto de avançados grandes e pesados, rapazes poderosos que formaram nas «melées» com segurança, que talonaram adequadamente, que saltaram e apoiaram bem nos alinhamentos e bem organizados nas situações de «ruck» e «maul». Nas linhas atrasadas da equipa de Lisboa, o par de médios passou a correr bem, com andamento («pace») e discernimento; a defesa foi muito mais forte sobretudo na zona central do terreno e apenas nos flancos foi suficientemente «suspeita» para permitir aos pontas ingleses a marcação de seis ensaios.

No jogo internacional foi evidente a melhoria. Os avançados portugueses eram fortes, tinham um excelente talonador, eram sabedores nas touches e rápidos e poderosos nos «rucks» e «mauls». As linhas atrasadas correram com grande confiança e pelo menos em duas ocasiões o excesso de nervosismo provocado, certamente, pelo pensamento — «posso ser eu o primeiro jogador português a marcar um ensaio contra a Inglaterra» — impediu a marcação de ensaios. Tendo pela frente dois pontas muito rápidos — Peter Halpin e Michel Featherstone — a placagem portuguesa foi muito mais segura que anteriormente, tal como o foi a cobertura defensiva, que impediu em três ocasiões que o resultado aumentasse. (Francamente penso que estes dois pontas, ambos muito rápidos e que marcaram todos os ensaios, constituíram a diferença maior entre as duas equipas. Se ambos saíssem do «quinze» inglês o resultado teria sido bastante mais equilibrado).

O jogo dos avançados demonstrou a maior melhoria. Além do aumento de tamanho dos jogadores, a sua força e organização originaram uma real disputa, especialmente nas

«melées» e nas situações de jogo aberto, onde a rapidez e capacidade nos «rucks» perturbaram nitidamente os ingleses. Bem, se não perturbaram os jogadores, certamente preocuparam o treinador (por isso tivemos a sessão de três horas como preparação para o jogo internacional).

A extensão do progresso português pode ser sumarizado do seguinte modo: há quatro anos o jogo pouco teve de competitivo; no ano passado foram notórias as melhoras na organização defensiva; este ano a equipa portuguesa conseguiu equilibrar o jogo a nível de avançados e mesmo impedir que a Inglaterra executasse os movimentos que pretendia pôr em campo. A estratégia preparada para o jogo internacional foi basicamente jogar fechado a primeira parte no meio campo português, exercer pressão nos avançados, fazer jogadas de envolvimento obrigando a terceira linha a placar, portanto causando os adversários. Na segunda parte alargar o jogo e libertar a bola para as linhas atrasadas. Este plano funcionou e ganhámos por uma diferença suficiente. Mas tivemos de planejar o jogo cuidadosamente. Tivemos de conter primeiro os portugueses, antes de atacar pelas linhas atrasadas, enquanto fomos capazes de correr a bola donde e quando pretendemos.

Portugal já atingiu o estágio em que os seus adversários têm de planejar correctamente o jogo para o bater, pois a melhoria foi tal que agora já lhes é possível impedir que os adversários façam aquilo que pretendem. Agora o próximo objectivo deve orientar-se no sentido de melhorar a capacidade da terceira linha como um todo, em particular no alinhamento, linha de corrida e suporte, de modo a dar à equipa superioridade à medida que o jogo decorre.

Com o entusiasmo observado nos treinadores e dirigentes nos últimos anos, estou seguro que o próximo estágio de desenvolvimento português será atingido muito rapidamente. Qualquer país que consegue convencer os jovens a levantar-se às seis da manhã para jogar rugby tem necessariamente de alcançar sucesso; um país que é capaz de apresentar, num clima seco e quente, terrenos com a qualidade dos estádios Universitário e Nacional, merece o sucesso; um país que está preparado para investir fortemente no seu grupo de treinadores e educadores terá sucesso.

Ninguém em Inglaterra ficará desapontado quando Portugal conseguir sucessos pois todos temos coração forte e felizes recordações das amizades obtidas e da maravilhosa hospitalidade recebida, qualquer que seja o local onde joguemos no vosso país.

Continuem o bom trabalho que o sucesso arrasta o sucesso.

# Direcção Geral dos Desportos

PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO RUGBY

## Formação de Animadores e Árbitros Juvenis



### FICHA DE INSCRIÇÃO



Formação Inicial de Animadores	<input type="checkbox"/>
Reciclagem de Animadores	<input type="checkbox"/>
Formação Inicial de Árbitros Juvenis	<input type="checkbox"/>
Reciclagem de Árbitros Juvenis	<input type="checkbox"/>

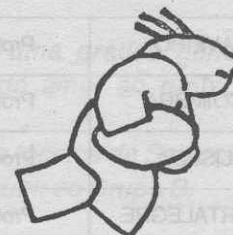
Nome .....

Morada .....

Idade ..... Tel. ....

Núcleo/Clube que representa .....

Assinalar o Curso pretendido com X



A enviar com a maior brevidade possível para a Delegação  
Distrital da D. G. D. na sua área geográfica (endereços no verso).



# INTRODUÇÃO



O plano de Desenvolvimento do Rugby Juvenil tem necessidade de quadros técnicos que assegurem a execução do seu «Quadro de Actividades».

Estes elementos destinam-se à orientação do trabalho técnico a desenvolver na prática. São por isso elementos de grande responsabilidade pelo que justifica uma preocupação permanente e uma cuidada preparação das diversas Acções de Formação de Animadores e de Árbitros Juvenis (Árbitros Animadores).

O período de Setembro a Dezembro, face à experiência de vários anos é o que melhor serve o Plano de Rugby Juvenil.

No presente ano, no sentido de uma melhor organização e divulgação dos cursos, ficarão as datas de realização dos cursos definidas com uma maior antecedência.

A inscrição dos participantes deverá ser feita com a maior antecedência possível e a sua aceitação será definida posteriormente pela Delegação Distrital que organiza as Acções de Formação.

A aprendizagem do Rugby tal como está preconizada processa-se ao nível de 3 fases:

1.ª Fase — Descoberta do Rugby através do Jogo Anárquico.

2.ª Fase — Compreensão da lógica do jogo (Jogo Organizado).

3.ª Fase — Aperfeiçoamento Individual e Colectivo.

Os cursos de Animadores definidos como Formação Inicial baseiam-se no estudo da 1.ª e 2.ª Fase.

A Reciclagem de Animadores compreende um trabalho de Aperfeiçoamento Individual e Colectivo (3.ª Fase).

A Arbitragem deverá estar ligada ao conteúdo referido na Formação de Animadores. O objectivo fundamental é o Árbitro Juvenil saber adaptar-se ao nível técnico das equipas que dirige no terreno de jogo.

**DESPESAS DE TRANSPORTES** — As despesas de transportes serão suportadas pela D.G.D. (transportes públicos).

**ALIMENTAÇÃO/ESTADIA** — Durante o período do curso serão asseguradas as refeições e dormidas necessárias.

**EQUIPAMENTO** — Os participantes deverão ser portadores de equipamento para sessões práticas.

**FICHA DE INSCRIÇÃO** — Enviar a ficha em anexo para a Delegação Distrital da D.G.D. na sua área.

LOCAIS	ACÇÕES PREVISTAS	DATAS
AVEIRO	Formação Árbitros juvenis	24-25 Outubro
COIMBRA	Formação inicial Animadores Reciclagem Animadores	17-18 Outubro 13-14-15 Novembro
LISBOA	Formação inicial Animadores Reciclagem Animadores Formação Árbitros juvenis	10-11 Outubro 20-21-22 Novembro 28-19 Novembro
PORTALEGRE	Formação inicial Animadores Reciclagem Animadores	17-18 Outubro 13-14-15 Novembro
ÉVORA	Formação Árbitros juvenis	7-8 Novembro

## ENDEREÇOS DAS DELEGAÇÕES DISTRITAIS DA DGD

AVEIRO	Prof. Fernando Maia	R. Lourenço Peixinho, 54-6.º — 3800 Aveiro
COIMBRA	Prof. Cabral Fernandes	R. Humberto Delgado, 428-6.º — 3000 Coimbra
LISBOA	Prof. Francisco Mesquita	R. dos Anjos, 77-2.º — 1100 Lisboa
PORTALEGRE	Prof. João Bagulho	Pavilhão Gimnodesportivo — 7300 Portalegre
ÉVORA	Pedro David	R. Bernardo Matos, 25-1.º — 7000 Évora



## SUBIMOS TODOS AO GRUPO B?

*Tinha acabado o jogo de Trelleborg. Grande alegria. É natural. Tudo tinha acabado em bem.*

*Mas, em muitos de nós, após 80 minutos de «stress», de emoção, veio de novo ao decimo o problema: havíamos todos subido de grupo?*

*Lá que aqueles 24 jogadores — e mais os que tinham jogado contra a Suíça e a Bélgica — estavam no B por mérito e direito próprio, isso era indiscutível. Mas todo o resto do rugby em Portugal?*

*A mentalidade dos jogadores portugueses em geral, a sua pontualidade e empenho nos treinos, o cuidado na obtenção e manutenção de forma e condição física fora da alçada do treinador.?*

*O comprometimento e actualização dos técnicos, a inquietação na busca de métodos, o exemplo que devem constituir para os jogadores que preparam?*

*O voluntariado para a arbitragem, o constante «aggiornamento» do conhecimento das Leis, a vontade de melhorar de domingo para domingo, a sublimação da tendência para aliviar com o apito as frustrações do dia-a-dia?*

*A disponibilidade para assumir responsabilidades directivas, a clara noção das obrigações, o espírito de sacrifício, a entrega alegre às tarefas, a serenidade perante as dificuldades, a isenção na apreciação e resolução dos problemas, e, também aqui, a fuga à tentação de transformar o acto de dirigir em prepotência de quem todos os dias de uma forma ou de outra, é dirigido?*

*Uma organização de estruturas, se não perfeita, ao menos capaz, nos clubes, nos comités, na Federação, e pessoas que as sirvam sem delas se servirem?*

*A participação dos clubes na vida institucional da modalidade de que constituem célula-base, participa-*

*ção sem desfalecimentos e construtiva, e de forma a não deixar dúvidas se o alvo de uma certa agressividade são as coisas, as situações ou as pessoas?*

*Um exaustivo aproveitamento das infraestruturas materiais que temos; e numa luta, que desconheça o desânimo e o desalento, por outras que necessitamos, e sempre repudiando quedarmo-nos pelo estático e fatalista reconhecimento da pobreza que nisto ainda somos?*

*Uma capacidade financeira — que só pode vir de fora do rugby — que atinja o Porto, Loulé ou Elvas, Lisboa ou Coimbra por forma a desenvolver, dos infantis aos seniores, e até sirva para dissuadir uma ou outra demagogia dos que talvez preferissem estar orgulhosamente sós perante a Europa?*

*Uma crítica objectiva e independente, na Imprensa, na Rádio, na Televisão (como de outros à volta dos campos e nos corredores...) que não transforme a sua tribuna em pelourinho de pseudo-justiças ou «vendetas» privadas, tantas vezes não mais do que vontade de sobressair pelo escândalo e não pela verdade?*

*Uma Administração e um Governo que, fugindo ao apelo ao mero gesto político fugaz, de rendimento limitado e para incauto ver, tenham pelo rugby o carinho que merece usem de boa vontade que os esforços e muitos resultados justificam e decidam sem receio de maledicências infundamentadas ou de invejas indiferecentes?*

*Enfim, e por todos, uma prática generalizada, teimosa e sempre viva do amor ao rugby que por palavras dizemos ter?*

*Glória aos jogadores e técnica da Selecção!  
Mas temos todos de subir ao Grupo B.*

A DIRECÇÃO DA FPR



# FESTIVAL DE RUGBY DE COIMBRA

O 2.º Festival internacional de Rugby de Coimbra terá lugar nos dias 6 e 7 de Junho, no Estádio Universitário, englobando dois torneios: o de «Seven-a-Side» (Sagres) e o de Veteranos (Galp).

Em Veteranos (mais de 30 anos) estarão presentes os «quinzes» da Académica, dos Podengos, do CDUP e dos madrilenos do C.A. Uros. Na prova de «seven» participarão 18 equipas (13 portuguesas, três espanholas e duas de Gibraltar): Académica, RC Coimbra, RC Lousã, RC Figueira da Foz, GD Moitense, All Torres (Torres Novas), CDUP, Pumas (Almada), Técnico, Dínamos, Podengos, Económicas e Santa Luzia; selecção de Valladolid, Arquitectura (finalista da primeira edição) e C.A. Uros de Madrid, Gibraltar One e Gibraltar Stars.

O II FIRC-81 é organizado pelo CRRC, estando garantida a presença de um árbitro inglês, bem como a de um enviado especial da revista inglesa «Rugby-World», que efectuará a cobertura do festival.

A organização do FIRC 81 lamenta entretanto a deliberação federativa de marcar jogos de provas nacionais (Taça de Portugal) para datas coincidentes com as do Festival, alegando que «se são um facto as constantes e lamentáveis alterações sofridas

pelas provas nacionais na presente época, não podemos deixar de esclarecer que além do estudo conjunto FPR/CRRC das datas livres (Junho de 80) indicámos com bastante antecedência à FPR a realização do II FIRC no período de 6 a 10 de Junho».

«A própria Assembleia Delegada — prossegue a nota da Comissão Organizadora — aprovou as datas do Festival, considerando o «Seven-a-side» como «Torneio Nacional de Rugby de 7».

A finalizar e face aos encargos e compromissos já assumidos, motivo porque esta iniciativa não pode ser adiada ou cancelada, a organização apela às equipas envolvidas para que antecipem ou adiem os seus jogos oficiais.

As 18 equipas participantes no «Seven-a-Side» foram distribuídas por seis séries, de acordo com os critérios seguintes: uma estrangeira, uma da região centro, e as restantes por sorteio, em cada série.

Os seis grupos da 1.ª fase ficaram assim constituídos: A — Valladolid, Académica e Técnico; B — CA Uros, RC Coimbra e Santa Luzia; C — Arquitectura, Moitense e Económicas; D — Gibraltar One, RC Lousã e Dínamos; E — Gibraltar Stars, Figueira da Foz e Pumas; F — CDUP, All Torres e Podengos.

A pós a 1.ª fase as equipas primeiras classificadas de cada série serão distribuídas por duas novas séries de três equipas (G e H) e as segundas classificadas ficarão também agrupadas (séries I e J). Com a classificação obtida nas séries G, H, I e J, ficará concluída a 2.ª fase do torneio.

A fase final (3.ª fase) realiza-se no domingo (dia 7) de manhã e classificará as equipas do 1.º ao 12.º lugar: Séries I e J — os 3.ºs jogam para apuramento do 11.º e 12.º; os 2.ºs para o 9.º e 10.º; os 1.ºs para o 7.º e 8.º; Séries G e H — os 3.ºs para o 5.º e 6.º; os 2.ºs para o 3.º e 4.º; e os 1.ºs, a final. Os terceiros da 1.ª fase serão considerados todos «ex-equu» na 13.ª posição.

A 1.ª fase disputa-se entre as 9 e 30 e as 12 e 30, e a 2.ª fase das 16 às 18 horas de sábado; e a 3.ª fase, no domingo, das 10 às 12 horas.

No que diz respeito ao Torneio de Veteranos a prova disputa-se em duas jornadas, (jogos de 50 minutos).

No sábado, às 18 e 30, defrontam-se os Podengos e a Académica, e o CA Uros e o CDUP. No domingo, às 17 horas, os vencidos da primeira jornada disputarão o 3.º e 4.º lugares, às 17 horas, e os vencedores jogarão a final, às 18 horas.

## 2º TORNEIO INTERNACIONAL SAGRES (SEVEN-A-SIDE)



**COIMBRA**  
6 e 7 de Junho - 1981

## 2º TORNEIO DE VETERANOS GALP



**COIMBRA**  
6 e 7 de Junho - 1981

# COIMBRA

## 2.000 ANOS DE HISTÓRIA



Comissão Organizadora do FIRC 81  
Bairro Sousa Pinto, 17  
3 000 Coimbra Portugal

Posto de Turismo de Coimbra  
Largo da Portagem  
3 000 Coimbra Portugal  
Tels. 2 38 86 - 2 55 76 - 2 37 99



A equipa nacional que defrontou a Suécia no jogo decisivo do Grupo C: Em pé — Macieira, Ernesto, Vasco Lynce, João Carlos, Bernardo, Olgário, Raul Martins e Filipe; em baixo — Saraiva Lima, D. Megre, Eiró, Manuel Costa, Pinto Magalhães, Didio e Moita

## O “QUINZE” DE PORTUGAL FOI UMA VERDADEIRA EQUIPA

**JOÃO FRAGOSO MENDES**

*Enviado especial*

Como se escreve a abrir este número de R-R», «não foi por acaso» que Portugal ganhou, de forma categórica o Grupo C do Campeonato da FIRA.

A decisiva digressão escandinava, provou que a equipa nacional era a mais forte do grupo e que só a vitória lhe servia, ou melhor, que jogava para isso. Depois dos triunfos sobre a Suíça e a Bélgica muito naturalmente tanto dinamarqueses como suecos ficaram «avisados» disso mesmo. Mas a superior capacidade do «quinze» nacional era garantia de que os dois últimos obstáculos seriam ultrapassados com êxito, de resto, como aqui se previu desde a primeira hora.

Como afirmou, e bem, o engenheiro Pedro Lynce, o favoritismo de uma equipa demonstra-se dentro de campo. E foi isso que Portugal fez, nesta sua deslocação ao norte da Europa. Certas facilidades — esperadas — com a Dinamarca e algumas dificuldades — um tanto inesperadas — com a

Suécia foram torneadas pelo «quinze» nacional, com desenvoltura. Se frente aos dina-

### OS JOGOS NO GRUPO B

No Congresso anual da FIRA, realizado em Biarritz, no Sul de França, ficaram acordadas as datas dos jogos de Portugal, na próxima época, no Grupo B do Campeonato da FIRA. O calendário é o seguinte: 31 de Janeiro, 21 ou 28 de Fevereiro, Portugal recebe a Espanha (Lisboa); 21 de Março, Marrocos (Lisboa); 10 de Abril, Tunísia (Lisboa); 25 de Abril, Holanda (Amesterdão); 28 de Abril, Polónia (Varsóvia).

marqueses o que houve a «tornear» foi muito pouco já contra os suecos a equipa revelou uma capacidade de reacção notável.

Pela primeira vez, ao longo dos quatro jogos da prova, Portugal esteve em desvantagem no marcador e soube superar essa contrariedade de forma natural, demonstrando grande confiança em si mesmo. Um ponto bastante positivo. E foi a equipa, toda ela, que virou o jogo, que lutou de forma extraordinariamente determinada para que isso acontecesse. O que é ainda mais positivo.

O espírito de equipa, o conjunto que foram os 24 jogadores que se deslocaram à Escandinávia é, em nossa opinião, o ponto de maior relevância desta digressão. E, cremos aí reside uma das razões do êxito alcançado. A selecção nacional voltou a ter uma mística especial. Que não deverá perder-se, pois quaisquer que sejam os resultados desportivos futuros ela poderá ser algo de muito importante para o rugby português.

Não gostamos de, seja em que circunstâncias fôr, nomear ninguém. Pensamos que o rugby como modalidade colectiva que é tem no conjunto a sua maior arma. Todos trabalham para um fim. E se esse fim — bom



← mau — é alcançado isso ficou a dever-se ao trabalho dos 15 jogadores. Mas, desta feita abriremos, aqui, uma excepção, porque entendemos o momento ser especial.

## AVANÇADOS IMPECÁVEIS

Começando pelo bloco de avançados, deve adiantar-se desde já que, nos dois jogos, foi o melhor sector da equipa. Poderosos — os suecos ficaram verdadeiramente surpreendidos com a envergadura física do «pack» português — senhores de excelente técnica e agressivos realizaram duas partidas «em grande».

A primeira linha deu «água pela barba» aos seus adversários directos. *João Carlos* (que jogou os dois jogos) esteve igual a si próprio. Isto é, bem. Tanto na «melée» como no jogo aberto. *António Duque*, cuja chamada constituiu surpresa para muita gente, jogou impecavelmente a partida com a Dinamarca — bem na formação, bem no jogo aberto e excelente na «touche» — e frente à Suécia, na meia hora que esteve em campo, produziu exibição de grande nível, em tudo semelhante à realizada dois dias antes. *Ernesto* não destoou. Jogou apenas 50 minutos com a Suécia e enquanto não foi tocado

OS RESULTADOS		Dinamarca, 16-Portugal, 45				
Dinamarca, 4-Suécia, 20		Suécia, 10-Portugal, 15				
Suécia, 0-Bélgica, 7		CLASSIFICAÇÃO				
Suíça, 4-Suécia, 7		V	D	M-S	P	
Bélgica, 7-Suíça, 0		Portugal . . . . .	4	—	114- 33	8
Portugal, 39-Suíça, 0		Bélgica . . . . .	3	1	55- 24	6
Portugal, 15-Bélgica, 7		Suécia . . . . .	2	2	37- 30	4
Suíça, 16-Dinamarca, 20		Dinamarca . . .	1	3	49-115	2
Bélgica, 34-Dinamarca, 9		Suíça . . . . .	—	4	20- 73	0

esteve igual a si próprio. Impecável na «melée», extraordinariamente combativo no jogo aberto. *Macieira* jogou somente frente aos suecos. Também ele esteve como sabe estar, isto é, bem. *Quim Pereira*, finalmente, jogou a primeira partida e justificou bem o seu regresso, aos 44 anos à selecção nacional. Um ensaio de excelente oportunidade (o mais saudado de todos os que Portugal marcou) ficou a assinalar a boa exibição do «jovem» Quim.

Foram três os segundas linhas utilizados nestes dois encontros. *Raul Martins*, o capitão incontestado, jogou em ambos, e as suas actuações situaram-se em bom plano. Sem a exuberância do n.º 8 de há alguns anos,

dentro do seu estilo «resguardado», foi a «pedra» esclarecedora de jogo e o comandante que a selecção precisa. *Dores*, por seu turno, frente à Dinamarca foi o «saltador de serviço» tirando bolas para todos os gostos. No jogo aberto foi igual a si próprio, extraordinariamente combativo. *Filipe*, contra a Suécia desempenhou papel idêntico, «batendo» como ele sabe, quando foi caso disso, rubricando exibição de bom nível.

A terceira linha desempenhou papel fundamental nos dois jogos, e tal como a primeira, terá sido grande responsável pelos dois êxitos. *Vasco Lynce* confirmou em absoluto dentro de campo o bom momento que atravessa, justificando completamente a sua



SOCIEDADE DE IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO LDA

IMPORTADORES — EXPORTADORES — ARMAZENISTAS — RETALHISTAS  
DE  
ARTIGOS PARA DESPORTO

Almada: Loja — Praça do MFA, 5-A-loja 5  
— Telef. 276 20 60

Amadora: Loja — Rua Elias Garcia, 176-B  
— Telef. 93 72 39





A terceira linha portuguesa produziu nos dois jogos excelentes exibições. Na foto, Bernardo e Vasco Lynce «saem» em apoio de Pinto Magalhães, no encontro de Copenhague.

primeira internacionalização já depois dos 30. «Varrendo» o campo, apoiou impecavelmente as linhas atrasadas tanto na defesa como no ataque, «estando em todas». O mesmo se deve dizer em relação a *Bernardo* que subiu espectacularmente, por exemplo em relação aos jogos com a Suíça e com a Bélgica. Duas excelentes exibições, em resumo. O terceiro componente do sector, *Olgário*, esteve ao mesmo nível dos dois companheiros na partida de Copenhague, mas, em Trelleborg, sobretudo no segundo tempo, decaiu um tanto, acusando o intenso esforço desenvolvido na primeira parte.

#### LINHAS ATRASADAS EM BOM NÍVEL

Os médios tiveram actuações semelhantes. No primeiro jogo, mais à vontade, deram, naturalmente, mais nas vistas. *Pinto de Magalhães* cumpriu o seu papel em bom plano. Embora menos exuberante que habitualmente — e como habitualmente falhando alguns passes — foi um médio de formação activo, cobrindo excelentemente na defesa. *Eiró*, impecável com a Dinamarca, terá sido o mais nervoso dos jogadores portugueses com a Suécia. Porém, quando «engatou» foi o grande impulsor da viragem do jogo de Trelleborg. Dos seus pés saíram bolas verdadeiramente mortíferas que liquidaram a resistência sueca.

Os centros, entretanto, terão sido, no decisivo jogo com a Suécia, grandes responsáveis pela inépcia atacante dos suecos. *Megre*, como sempre, atacou bem e defendeu excelentemente. Didio sem as suas habituais perfurações mostrou-se, frente à Suécia — jogo em que actuou a tempo inte-

ro — um defensor que normalmente não costuma ser. Sem falhas tanto a defender como a atacar rubricou boa actuação. *Paisana*, no encontro da Dinamarca, esteve em plano igual a si próprio. Placador de grande nível fê-lo quando para isso solicitado. A atacar esteve impecável: passou quando era caso disso, furou quando tal era aconselhável.

Os pontas — *Gramaxo* e *Moita* — atacaram bem mas a defender, principalmente o jogador lisboeta, as coisas não estiveram em plano idêntico. Frente à Dinamarca rubricaram excelente exibição (foi, praticamente só atacar) mas com a Suécia, principalmente *Moita* não esteve tão bem. *Saraiva Lima* jogou apenas cerca de meia hora em Trelleborg acabando por sair — inconsciente devido a uma pancada na cabeça — sem se ter mostrado como atacante. A

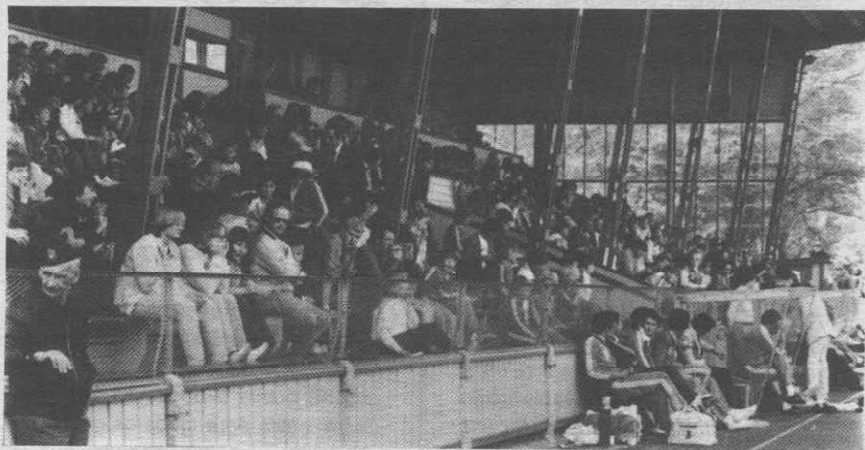
defender esteve bastante bem. De resto, magoou-se precisamente quando «safava» uma situação bastante delicada para a área portuguesa.

Finalmente *Manuel Costa* foi o defesa seguro e calmo que nos habituou. Bem a intercalar-se nos três quartos faltou-lhe, no entanto, o poder no momento do contacto. Duas boas exibições, transmitindo segurança aos seus companheiros.

Carlos, Lencastre, Albergaria e Roxo, que completavam os 24 que estiveram na Escandinávia não actuaram em qualquer dos dois jogos.

Globalmente poderá ainda acrescentar-se que tanto num jogo como noutro, o vento forte que se fazia sentir desempenhou papel importante. Na Dinamarca provocou alguns falhanços em tentativas de conversão de penalidades, e na Suécia, como noutro local se refere, teve influência decisiva no desenrolar do jogo.

A finalizar uma chamada de atenção somente: sempre que a pressão defensiva portuguesa abrandou — tanto numa partida como noutra — Portugal sofreu ensaio. Uma lição que se espera tenha sido apreendida, com vista ao futuro.



A bancada do estádio onde Portugal jogou em Trelleborg oferecia este aspecto. Registe-se que o jogo, enquanto decorria ia sendo relatado, para o numeroso público presente.





Jogada de linha lateral — com Olgário em evidência no decorrer do Portugal-Dinamarca

## Dinamarca 16-Portugal DESFECHO

O jogo com a Dinamarca foi, pode dizer-se, bastante semelhante aquele que Portugal disputou, em Fevereiro, frente à Suíça. Embora os dinamarqueses se tenham revelado superiores aos suíços, as «facilidades» foram idênticas.

A equipa nacional, num campo que favorecia o jogo à mão — bastante largo — utilizou esse processo. Como a nível de avançados a superioridade foi grande e consequentemente as bolas, para todos os gostos e feitios, abundaram, as linhas atrasadas dispuseram de grande quantidade de jogo que, diga-se, desde já, souberam aproveitar.

Superior em todos os aspectos — surpreendentemente, até no atlético — o «quinze» nacional cedo demonstrou a sua maior capacidade, resolvendo a partida com extrema facilidade. A velocidade que impôs ao jogo, a agressividade de que deu mostras, a pressão que exerceu, não deram qualquer hipótese aos dinamarqueses. Os dois ensaios sofridos neste jogo resultaram de jogadas em que a defesa portuguesa não pressionou, em que deixou os três quartos contrários

— habilidosos mas que não se entenderam nunca com a defesa em cima dos portugueses — à vontade.

Salvo num ou noutro período o domínio da equipa nacional foi quase total. A partir de determinada altura quando se «sentiu» que o jogo estava ganho (e foi logo no início)

## TERCEIRO TEMPO

# NÃO FOI POR ACASO NÃO FOI POR AC

*O meu amigo Zé da Costa — pessoa que muito prezo — costuma dizer, citando os ilustres numa demonstração cultural que o coloca a par das grandes figuras, juntamente com outras frases significativas do género do nem tudo que é parece, os palmas não se medem aos homens e que o tocar do rabeção do monge não faz o hábito do sapateiro, costuma dizer, escrevia eu, que, na vida, NADA FOI POR ACASO!*

*Acreditando na larga margem de verdade desta máxima filosófica, corroborada por grandes celebridades do mundo da ciência como Freud, Astrólogo Astrus e Cigana Manuela (que ao assunto têm dedicado grande parte dos seus mo-*

*mentos de lazer) aproveitámos esta viagem por terras escandinavas para realizar a prova através de demonstração prática — mãe de todas as coisas — de que tudo, afinal, se passa como na teoria. Nada foi por acaso — tudo foi planeado, dirigido, orquestrado... vá lá saber-se a soldo de quem?!*

*Vejamos, caso a caso o «quod erant demonstrandum».*

- Não foi por acaso que o hotel para instalação da Selecção em Copenhague se encontrava centralmente colocado e rodeado por todos os lados de «travestis», pegadas de quinta e pegadas de aquário. Enfim, havia para todos os gostos... e nos intervalos «sexichopes».

- O sanduístico jantar logo na

*noite da chegada foi servido por um bronze escultural de fazer calar os nus fotográficos de Helmut Newton, alimentado por uns «jeans» apertadíssimos que criaram a primeira grande discussão: como os terá vistido? Em quanto tempo? Explicações não houve, mas posso jurar que houve muito boa gente que era voluntário para (des)calçadeira... Não foi por acaso!*

- Muito menos por acaso foi o facto do bronze ter aparecido a servir o pequeno-almoço. Um vi, que deitou o leite fora da chávena!

- E foi por acaso a oferta feita pelo Ventoinha e pelo Lagoa de uma baldade de tempos imemoriais a amigo de longa data e em noite de sacrifício numa simpática manifes-

## “NATURAL”

Portugal limitou-se a fazer correr a bola, «escondendo» o seu jogo — os suecos estavam a assistir e a tirar apontamentos — «guardando», portanto, as combinações, principalmente das linhas atrasadas.

Fundamentalmente, desta partida ficou a determinação posta na luta — mesmo a ganhar por muitos os jogadores portugueses não abrandaram — a pressão exercida, tanto a atacar como a defender, o que deu cabo de uma possível oposição dinamarquesa; o excelente jogo desenvolvido pelos avançados, sobretudo pela terceira linha; e a imaginação poder e velocidade das linhas atrasadas. Como teste para o encontro com a Suécia daí a 48 horas, este jogo no Frederiksberg Stadium foi bastante promissor.

Pena algumas indecisões, certa sofreguidão em situações de clara vantagem, que, a não acontecerem, teriam dado ao resultado uma expressão ainda mais expressiva. De qualquer forma, uma exibição francamente positiva do «quinze» nacional, e um triunfo perfeitamente natural que atesta a diferença de «andamentos» entre as duas formações.

A arbitragem do francês Dominique Tardi foi simplesmente impecável. Se teve erros não se deram por eles. Assim como por ele se não deu. O que é francamente bom sinal. Preocupou-se em deixar jogar aplicando impecavelmente a Lei da Vantagem. Um excelente trabalho, em resumo.

## NOVE ENSAIOS!

Jogo no Frederiksberg Stadion, em Copenhague, perante cerca de um milhar de espectadores. Sol intenso e algum calor, bastante vento, soprando transversalmente. Excelente arbitragem do francês Dominique Tardi. Substituição no «quinze» português: aos 70 minutos saiu Domingos Megre e entrou Dido de Aguiar (Direito).

**PORTUGAL** — Quim Pereira (CDUL) (4), António Duque (Direito) e João Carlos (Benfica); Raul Martins (Técnico) e Dores (Técnico) (4); Vasco Lynce (CDUL), Bernardo (CDUL) e Olgário Borges (Direito); Pinto de Magalhães (CDUL) e Pedro Eiró (CDUL) (3.2.2.2); Gramaxo (CDUP) (4.4), Paisana (Direito) (4), Domingos Megre (CDUL) e Moita (CDUL) (4.4); Manuel Costa (Belenenses) (4).

**DINAMARCA** — F. Pedersen (Lynet), F. Brockhage (Lynet) e K. Nielsen (Exiles); A. Larsen (Lynet) e P. Kijaersgaard (Comet); D. Harris (Exiles), A. Slot (Lynet) e L. Hansen (Comet); N. Morton (Exiles) e H. Karlebo (Comet); P. Krebs (Lynet) (3.3.4.2), A. Rasmussen (Odense), E. Jorgensen (Lynet) e H. Nielsen (Lynet); J. Cole (Comet) (4).

Resultado final, 45-16; ao intervalo, 17-12.

### FORMAÇÕES

**PORTUGAL:** 20 (12+8); seis de introdução adversária.

**DINAMARCA:** 8 (4+4); uma de introdução portuguesa.

### ALINHAMENTOS

**PORTUGAL:** 22 (12+10); 12 de introdução dinamarquesa; 3 tortas — Dores (6), Olgário (5), Bernardo (4), Vasco Lynce (2), Raul Martins (2), Quim Pereira (2) e Pinto Magalhães (1).

**DINAMARCA:** 15 (8+7); 5 de introdução portuguesa; 1 torta.

### REAGRUPAMENTOS

**PORTUGAL:** 28 (10+18)

**DINAMARCA:** 8 (2+6)

### PENALIDADES

**PORTUGAL:** 8 (5+3) — 1 convertida; 4 tentativas falhadas; 1 aberta; 2 para fora.

**DINAMARCA:** 15 (7+8) — 2 convertidas; 2 tentativas falhadas; 10 abertas; 1 fora.

## ASO NÃO FOI POR ACASO NÃO FOI POR

*tação de solidariedade?*

*Não. Foi tudo organizado!*

● Também não foi por acaso que um promissor jovem foi apanhado a dizer a duas dinamarquesas, no ambiente festivo do Tivoli, que «we are latin lovers». Sosseguem as namoradas que também não foi por acaso que as loiraças deram à sola...

● E terá sido por acaso que nos meteram horas dentro de um autocarro para ver a miniatura da Sereia de Copenhaga e, não contentes com a graça, nos levaram directos a um complexo desportivo cujo centro de estágio só tinha de comum com a Cruz Quebrada o facto de ter também camas? É bom de ver que não! Foi apenas para fazer baixar o

*moral...*

● E terá sido por acaso que os suecos colocaram junto do Hotel uma cabine telefónica que deixava falar para qualquer parte do mundo com apenas uma croa que, simpaticamente, era retribuída no fim? Claro que não... era apenas para cansar as pernas da rapaziada. Meninos houve que aguentaram hora e meia de paleio...

● E não foi também concerteza por acaso que o Master Trelleborg se viu obrigado a faltar ao tradicional banquete depois do jogo contra a Suécia. Obrigado a manter a tradicional imagem da simpatia portuguesa, o master viu-se obrigado a ir buscar uma criança ao infantário local porque ela se recusava a co-

*mer a sopa sem a presença da pneumática figura.*

● O acaso terá alguma coisa com o facto o alarme ter tocado no hotel quando todos já se preparavam para dormir?

● E terá sido por acaso que, em Copenhague quando todos queriam sair, não podiam e em Trelleborg, quando podiam, não queriam?

Agora, de certeza de certeza — e com tudo isto — por acaso é que não foram as duas vitórias. Foram trabalho, espírito de equipa, vontade, saber... e gozo, de sorrisos até às orelhas, depois de cada uma.

«ZANN-DIGA»



# DIRECÇÃO GERAL DOS DESPORTOS



## PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO RUGBY JUVENIL

	infantis	iniciados	juvenis
<b>JANEIRO</b>	Convívios/Torneios	Torneios	Torneios
<b>FEVEREIRO</b>	Distritais	Distritais/Regionais	Distritais/Regionais 27 Estágio Nacional
<b>MARÇO</b>	7 e 8 REUNIÃO NACIONAL COORDENADORES		
<b>ABRIL</b>	11 Convívio Nacional (Lisboa)	6-8 Torneio Páscoa 9-11 Estágio Franco-Português 12 Portugal-Costa Basca (Coimbra)	8 Lisboa-Inglaterra 11 Portugal-Inglaterra 12-15 Torneio da Páscoa (Lisboa)
<b>MAIO</b>	Convívios/Torneios Distritais	3 e 10 Torneio Nacional (Coimbra Lisboa)	24 Final do Torneio Nacional Rugby XV
<b>JUNHO</b>	13 e 14 REUNIÃO NACIONAL COORDENADORES		
<b>JULHO</b>	(Cont.) (cont.)	Torneios Distritais/Regionais (cont.)	Torneios Distritais/Regionais (cont.)
<b>AGOSTO</b>	Plano de Férias nas Praias Acções de Animação e Dinamização fundamentalmente Junto das Colónias de Férias Ponto Alto — Costa da Caparica — 20 Agosto		
<b>SETEMBRO</b>	12 e 13 REUNIÃO NACIONAL COORDENADORES		
<b>OUTUBRO</b>	Estudos, Planeamento e Programação das acções projectadas inicialmente Reorganização das Actividades		
<b>NOVEMBRO</b>	Convívios/Torneios Distritais	Torneios Distritais/Regionais	Torneios Distritais/Regionais
<b>DEZEMBRO</b>		Plano Técnico Nacional	Plano Técnico Nacional Torneio Nacional Rugby XV

## Suécia 10-Portugal 15

## JOGAR COM A CABEÇA

Se no jogo de Copenhague tudo tinham sido facilidades — ou disso muito próximo — para o «quinze» nacional, facilidades essas «provocadas», em larga escala, pelo conjunto português, o jogo de Trelleborg, com a Suécia foi, pode dizer-se, a antítese. Enquanto no primeiro bastou aos portugueses jogarem o seu normal, dois dias depois tiveram de se empregar a fundo para chegarem ao triunfo.

Para já, é bom adiantar que a Suécia se mostrou a equipa mais forte — sob o ponto de vista rugby — deste grupo C, a seguir, evidentemente a Portugal. É certo que é um pouco diferente jogar-se em «casa» ou «fora», mas estes suecos revelaram-se (dando esse desconto) superiores aos belgas. Ainda por cima, se batessem Portugal por mais de sete pontos triunfariam no torneio. Daí as dificuldades redobram.

E convém referir, a determinada altura do jogo chegou a temer-se um desaire da equipa nacional. Contra o vento na primeira parte, Portugal sentiu algumas dificuldades, não só por isso mas porque o nível do adversário era superior, bastante mais mesmo, aquilo que se previa.

Embora no «pack» — no que diz respeito a peso e altura — as coisas estivessem equilibradas, a equipa portuguesa como que «adormecida» levou bastante tempo a encontrar-se. E daí certas dificuldades. A



A «melée» portuguesa bateu a sueca em toda a linha. Na foto, percebe-se claramente que o «pack» da selecção nacional está a «andar em frente»

pressão sueca no primeiro tempo, ajudada pelo vento, perturbou nitidamente o «quinze» nacional, que se mostrou, ainda por cima extremamente nervoso, talvez porque não esperasse oposição tão forte. Passes sem tempo, má colocação no terreno e alguma desorientação (nalguns curtos períodos) sobretudo a nível das linhas atrasadas poderiam ter comprometido tudo.

No entanto, depois de um início difícil, a equipa nacional recompôs-se e, embora dominada territorialmente, não deu mais espaços ao adversário controlando, defensivamente, as «operações». Os três quartos, então, bem apoiados pela terceira linha, ganha-

ram o tempo de arranque e defendendo em pressão raramente, a partir dessa altura, permitiram aos seus adversários directos a passagem da linha da vantagem, o que perturbou nitidamente a Suécia.

Com 10-3 ao intervalo, com o resultado, portanto, no limite (mais de sete pontos seriam fatais às aspirações portuguesas) e segunda metade do encontro era encarada com algum optimismo. Portugal iria jogar, então, com o vento pelas costas e tal, logicamente, iria favorecer uma viragem na fisionomia da partida.

Inteligentemente, o «quinze» nacional tirou partido do facto e dos excelentes pés de Eiró e Megre. Os pontapés passaram a colocar o jogo, por sistema, junto à área adversária o que causou dificuldades aos suecos que esperavam ver Portugal a jogar à mão. Com a equipa nacional a dominar na «melée» — a primeira linha sueca foi alterada três vezes — e nas «touches», com os centros (Megre e Didio) defendendo a vantagem impecavelmente, a superioridade dos donos da «casa» nos «maul», sobretudo, era rapidamente anulada.

O ensaio de Eiró, que colocou o resultado em 9-10, principalmente pelo momento em que foi obtido; depois a contínua exploração, com os pontapés, da má colocação do defesa contrário; e a pressão atacante e defensiva exercida viraram por completo a fisionomia do jogo. De dominado territorialmente Portugal passou a dominar, dando a sensação de que mais cedo ou mais tarde o resultado seria modificado. E logicamente tal acabou por acontecer, colocando definitivamente as coisas nos seus devidos lugares, e proporcionando a Portugal uma saborosa vitória.

## COMEÇAR A PERDER

Jogo no Idrottsplatsen, em Trelleborg, perante cerca de mil espectadores (724 pagantes). Tempo inicialmente coberto, mas, depois, sol intenso. Campo em excelente estado, bastante vento, soprando longitudinalmente. Boa arbitragem do belga Roelands. Substituições no «quinze» português: aos 28 minutos saiu Saraiva Lima, inconsciente devido a uma pancada na cabeça e entrou Gramaxo (CDUP) para o seu lugar; aos 50 minutos Ernesto foi substituído por Duque (Direito), por lesão nas costas.

PORTUGAL — João Carlos (Benfica), Ernesto (Benfica) e Macieira (CDUL), Filipe (Direito) e Raul Martins (Técnico); Vasco Lynce (CDUL), Bernardo (CDUL) e Olgário Borges (Direito); Pinto de Magalhães (CDUL) e Pedro Eiró (CDUL) (3.4.2); Moita (CDUL) (4), Didio de Aguiar (Direito), Domingos Megre (CDUL) e Saraiva Lima (Agronomia); Manuel Costa (Belenenses) (2).

SUÉCIA — H. Nilsson (Malmo), K. Hanson (Enkoping) e K. Olsson (Kalstad); D. Fjelner (Malmo) e J. Petterson (Vasteras); L. Olsson (Kalstad), T. Nilsson (Saracens-Londres) e S. Engvall (Enkoping) (3.3); L. Olsson (Malmo) e V. Soderberg (Enkoping) (4); K. Lofstedt (Malmo), N. Arwidsson (Lugi), B. Jalonen (Enkoping) e J. Lundstrom (Malmo); e L. Henriksson (Enkoping).

Resultado final, 15-10; ao intervalo, 3-10.

## FORMAÇÕES

PORTUGAL: 13 (8+5);  
SUÉCIA: 6 (3+3)

## ALINHAMENTOS

PORTUGAL: 34 (19+15)  
SUÉCIA: 24 (10+14)



# JUNIORES - COMPETITIVIDADE E INTEGRAÇÃO EUROPEIA

MANUEL CABRAL

Desde que em Março de 1966 Portugal realizou pela primeira vez um encontro internacional no escalão junior muito se tem dito, alguma coisa se tem escrito, mas muito pouco se tem feito que efectivamente contribua para o desenvolvimento da modalidade em termos gerais e do escalão junior em particular.

Ao cabo de 27 jogos (onde averbámos 17 derrotas e 10 vitórias), será altura de olharmos para trás e tentarmos analisar não os jogos de per si, mas o rugby junior no seu conjunto, tanto a nível interno como no seu contexto internacional.

É intenção deste pequeno artigo pegar noutra ponta do véu que J. P. Bessa começou a levantar na sua coluna do «Expresso» no passado dia 2 de Maio, com um artigo intitulado «Nos campeonatos do trinta à hora: da técnica à destreza», suscitando o debate e sobretudo promovendo a assumpção do problema nos seus diversos aspectos.

Dizia J. P. Bessa, no artigo já referido, que a inexistência de um Campeonato altamente competitivo era uma das mais graves faltas do nosso rugby junior. Assim o creio, de facto, mas para que a nível internacional venhamos a beneficiar dessa

*Ex-seleccionador nacional de juniores; treinador do GD Direito*

competitividade, torna-se necessário quem vai participar nas competições internacionais possa participar, em pleno, nas competições nacionais.

Na verdade, se pensarmos que jogadores que já ultrapassaram a idade de «Junior FIRA» continuam a jogar, nos seus clubes, naquele escalão etário, facilmente nos aperceberemos das dificuldades que os moços mais novos terão em conquistar, particularmente nas equipas habitualmente interessadas na conquista do título nacional, um lugar de efectivo. (Acrece ainda o facto daquelas equipas serem normalmente as que mais jogadores fornecem à selecção nacional).

Daquela forma, chegada a hora da selecção, torna-se difícil para qualquer seleccionador/treinador encontrar um médio de abertura com idade FIRA, um pilar com idade Fira, um n.º 8 com idade FIRA, um etc. com idade FIRA, pois nos lugares mais específicos acabamos quase sempre por encontrar jogadores que já não têm idade FIRA...

Este não é um tema novo para aqueles que mais se interessam pelas coisas do rugby em Portugal, (já no Encontro Nacional de Évora foi tema de debate), mas será talvez altura de corrigirmos esta anomalia, mesmo levantando duas dúvidas tenazes: aparentemente este corte com a qualidade dos juniores mais velhos virá empobrecer o próprio escalão junior ao

mesmo tempo que atrai «às feras» esses mesmos jogadores.

No que diz respeito à primeira dúvida é evidente que tal empobrecimento nunca se poderá dar, pois não fica mais pobre quem se reduz às suas adequadas dimensões. Pelo contrário verificaremos que, apesar de algumas hesitações iniciais, rapidamente os clubes e os jogadores se adaptarão, passando o escalão junior a absorver com maior eficácia os ex-juvenis, alguns dos quais com uma invejável experiência internacional, ansiosos por jogarem com os mais velhos, o que a curto prazo provocará uma acentuada melhoria, quer física quer técnica dos jogadores mais novos.

No que se refere à segunda dúvida, o problema terá de ser analisado sob outro prisma: a evolução e o enquadramento dos jovens jogadores na «alta» competição. Não querendo, por ora, abordar este tema, não deixarei contudo passar a oportunidade de sem referir a possibilidade da criação de um escalão de Esperanças ou «Under 21», o que, pelo menos no plano internacional, não constitui novidade para nós (Roménia 78), ou o aproveitamento dos segundos XV dos clubes como «centro de recolha e desenvolvimento» daqueles jogadores. Ambas as hipóteses são de possível realização, se bem que me pareça que durante um «período de transição» se deverá optar pela segunda.



*Raul Martins comandou a selecção nacional esta temporada e, na Escandinávia, no jogo com a Suécia, principalmente, foi o «capitão» de que a equipa necessitava*

## SER CAPITÃO DE EQUIPA

RAUL MARTINS \*



## COMENTÁRIOS SOLTOS... ...NUMA IDEIA LIGADA (IV)

### VASCO PINTO DE MAGALHÃES

A campanha internacional, *Deo juvante* (e quem não precisa disso?) terminou em beleza.

Refiro-me aos «seniores», é óbvio, pois quanto aos restantes escalões etários... o rei continua a ir nú. Basta atentar nas grandes parangonas com que se festeja o facto de os «juvenis» terem conseguido, finalmente, marcar... três pontos aos ingleses! I.e., perante a nossa impotência em atravessar a linha-de-meta dos adversários, quiçá a linha-de-vantagem (em «iniciados» a coisa também foi confrangedora), já nos contenta-

mos com um simples golo de transformação dum pontapé-de-penalidade! E podem dizer o que quiserem do nosso progresso — a defender os rapazes até não estiveram muito mal — mas «o meu negócio é números». E, em «juniores», depois dum «banho» de 75-0, Portugal quase foi o *vaincoeur moral* (a invenção é francesa) do sofisticado campeonato à parte («O Nosso Campeonato» que os respectivos responsáveis engendraram para uso próprio («contenta-te com o caldo, que a carne está cara», já dizia o Bocage).

Os franceses dizem que não podem fazer-

-se «*omelettes*» sem ovos. Os chineses — julgo que são eles — dizem que não se podem fazê-las sem quebrar os ovos (e percebe-se o que isto significa). Eu acrescento que, se tudo isto está certo, não há «*omelettes*» possíveis sem «cozinheiros». *Cadê eles?* Voltarei a este assunto, fundamental para o progresso do nosso rugby. Mas, entretanto, aqui fica o aviso: cuidado com os «contra-mestres de obra feita» que nem sequer põem ovos, não os quebram, não cozinham e querem «papar» as *omelettes!*

Mas regressemos aos «seniores».

Ser capitão e muito mais do que dar o exemplo. É levar todos os elementos de uma selecção, clube ou equipa a atingir um objectivo comum que se traduz em praticar no campo o melhor jogo com um resultado final vitorioso.

Porque se torna importante para a concretização do verdadeiro valor de cada jogador, de cada sector da equipa, e da equipa em si, vale a pena contribuir para a clarificação deste tema.

Assim a escolha do capitão dum clube ou de uma selecção deve ser feita antes da escolha de qualquer outro jogador, e logo de seguida a do «leader» de cada sector da equipa (avançados e linhas atrasadas) já que a escolha está interligada.

Nem sempre se tem discutido suficientemente a escolha do capitão da Selecção Nacional e de quais as suas qualidades, conhe-

cimentos e características de um bom capitão. Contudo, tomar decisões no meio de um jogo de alta velocidade não é matéria fácil e comunicar estas decisões a 14 jogadores espalhados pelo terreno de jogo, requer qualidade de chefia de alto gabarito. O que é, especialmente importante nos jogos mais equilibrados, onde o refluxo e a fluência de qualquer mudança de situação cria uma tensão em cada indivíduo.

Muitas vezes os jogos perdem-se porque essas decisões, táticas ou outras, não foram tomadas, ou tomadas e não comunicadas, a toda a equipa e nem sequer a um sector (o médio de formação não pode decidir por si que introduz a bola antes do sinal do talonador só porque a sua «melée» está a empurrar a contrária).

Se o Rugby que se pratica actualmente requer variedade e flexibilidade, então os seleccionadores devem escolher primeiro um

«capitão» e não uma equipa, a partir da qual é nomeado um jogador para a chefiar.

Nos clubes ou nas selecções surgem, todos os anos, muitos e diferentes factores que incorrectamente influenciam a escolha de um capitão.

De entre os que mais frequentemente aparecem refiro os seguintes:

- 1) O melhor jogador é o escolhido, por ser o exemplo a seguir. E todavia ele não é o melhor «capitão».
- 2) Por distinção honorífica, pelo facto de como elemento dum clube ou de selecção ter dado importantes contributos.
- 3) Por ser o mais velho.
- 4) Por ser o que tem maior número de internacionalizações numa selecção.
- 5) Por pertencer ao clube que contribui com maior número de jogadores à selecção.

Se forem algumas destas as razões que conduziram à escolha do «capitão» podere-



### JOGADORES UTILIZADOS

CLUBES E JOGADORES	Suiça	Bélgica	Dinamarca	Suécia	TOTAL	Jogadores utilizados	Número de intervenções	Méda de utilização por jogador
<b>CDUL</b>						8	25	3,125
Peñro Eiró	1	1	1	1	4	28,8%	40,0%	
Domingos Megre	1	1	1	1	4			
Carlos Moita	1	1	1	1	4			
Bernardo M. Pinto	1	1	1	1	4			
João P. de Magalhães	—	1	1	1	3			
H. Macieira Pires	1	1	—	1	3			
Vasco Lynce de Faria	—	—	1	1	2			
Joaquim Pereira	—	—	1	—	1			
<b>DIREITO</b>						5	9 (2)	1,500
Olgário Borges	1	—	1	1	3	17,9%	14,4%	
Didio Aguiar	—	—	0,5	1	2,5			
António Duque	—	—	1	0,5	1,5			
Filipe Oliveira	—	—	—	1	1			
Manuel Paisana	—	—	1	—	1			
<b>TÉCNICO</b>						4 (1)	8,5 (1)	2,125
António Dores	1	1	1	—	3	14,3%	13,6%	
Raul Martins	1	—	1	1	3			
Carlos Ferreira	—	1	—	—	2			
Luís Claro	0,5	—	—	—	0,5			
<b>AGRONOMIA</b>						4	5	1,250
M. Saraiva Lima	—	1	—	1	2	14,3%	8,0%	
J. M. S. Albergaria	1	—	—	—	1			
Duarte Lynce de Faria	—	1	—	—	1			
Paulo Reis	1	—	—	—	1			
<b>BENFICA</b>						2	7	3,500
João Carlos	1	1	1	—	4	7,1%	11,2%	
Ernesto Pinto	1	1	—	1	3			
<b>BELENESES</b>						2	3,5 (1)	1,750
Manuel Costa	1	—	1	1	3	7,1%	5,6%	
Luís Roxo	—	0,5	—	—	0,5			
<b>ACADÉMICA</b>						2	2	1,000
Luís Carlos Costa	—	1	—	—	1	7,1%	3,2%	
Rebocho Vaz	—	1	—	—	1			
<b>CDUP</b>						1	2,5 (1)	2,500
Manuel Gramaxo	—	1	1	0,5	2,5	3,6%	4,0%	
	15,5 (1)	15,5 (1)	15,5 (1)	16 (2)	62,5	28 (2)	62,5 (5)	2,332

□ Capitão      ○ Jogador substituído por lesão      0,5 — suplente utilizado

### PORTUGAL, BRILHANTE VENCEDOR DO CAMPEONATO DA FIRA (III DIVISÃO)

Não há dúvida de que foi um brilhante.

Em que actividades desportivas, para além do basquete, fomos melhores nos últimos tempos? E não esquecer que no rugby o amadorismo, é, pelo menos, a 300%... (quer dizer, ainda se paga para jogar...).

A Selecção não é ainda, infelizmente, uma amostra significativa do rugby nacional (continua a jogar-se bastante mal ao nível de clubes) mas o «Clube Portugal» pode e deve ser um foco de atracção e uma célula irradiante. E confirma, em parte, a razão que assistiu à decisão tomada no Congresso de Santarém de só retomar os contactos a nível senior quando os juniores que estão brilhavam no firmamento da FIRA atingissem a sua maioria rugbística. E digo «em parte» porque a decisão pressupunha montada «a cadeia de fabrico» — a qual não, como se tem visto pela pobreza dos escalões etários mais novos, o que tira continuidade e é a razão principal — mas não a única, como tentarei demonstrar lá mais para diante — do fraco nível verificado nos torneios nacionais.

Dentre os 28 jogadores utilizados, nove fizeram parte das esplêndidas equipas do CDUL e de Agronomia que serviram de base às selecções que, já com Pedro Lynce, tanto brilharam em Albi e Hilversum e fazem parte do XV padrão, como titulares ou como suplentes indiscutíveis, designadamente nos postos-chave. Dos outros, alguns, muito poucos, são contemporâneos e o enquadramento restante é feito por jogadores mais velhos por que, desde então para cá, salvo uma ou outra excepção, não se formaram mais nenhuns, embora não possa deixar de

os haver potencialmente capazes.

Julgo interessante a indicação, em pormenor dos jogadores utilizados, tanto mais que daí pretendo tirar algumas ilações para umas

conclusões finais em comparação com o «XV Ideal» resultante do inquérito levado a efeito pela R-R. (n.º 7) e com os resultados do Campeonato Nacional.

ter 15 bons jogadores sem ter uma boa equipa e o resultado não será brilhante.

É, no entanto, muito difícil pôr em palavras o que é necessário para ser um bom capitão já que é quase uma coisa intangível.

Vejamos então algumas das qualidades, capacidades e características que se tornam necessárias a um bom capitão.

#### 1) Qualidades

**Carácter** — Exemplar dentro e fora do terreno; disposição de espírito; capacidade de diagnóstico das situações de jogo; querer ter êxito para si próprio, e criar esse desejo na equipa; conseguir o respeito dos jogadores e do seleccionador (a constituição da equipa e escolha da tática para o jogo deve ser discutida, entre o seleccionador e o capitão, antes de ser comunicada aos restantes jogadores); paciência; firmeza; humildade, estando sempre pronto a ouvir os outros e não ser dogmático; sensibilidade para outros

sentimentos e desejos; intuição para o jogo; tacto para se juntar com outros elementos quer eles sejam ou não jogadores.

**Controlo** — de si próprio; da equipa usando com habilidade, o poder de comando e os termos correctos para comunicar com os jogadores na altura exacta (às vezes basta perguntar se foi por medo que um determinado jogador não captou uma bola).

**Concentração** — é necessária desde os preparativos antes do pontapé de saída até ao final do jogo, mantendo-se a pensar acerca de sua própria equipa e da adversária, a fim de poder variar táticas no decorrer do jogo.

#### 2) Capacidades

Conhecimento dos pontos fortes e fracos da equipa em geral e das possibilidades e limitações dos jogadores em especial e as suas reacções antes e durante o jogo. Conhecer o tipo de jogo que a sua equipa pratica e o dos adversários.

Preparação mental adequada para atender aos pormenores e ao mesmo tempo ser capaz de reter uma visão do jogo desenvolvido em todo o campo.

Saber informar os jogadores de como eles devem participar no jogo por forma a se conseguir o modelo escolhido.

Condição física para ser um bom jogador no seu lugar e poder exemplificar qualquer acção tão bem ou melhor que qualquer outro.

#### 3) Características

É essencial que a comunicação entre o «capitão» e os outros jogadores seja eficaz. Ele deve ser pois um homem que se interesse por pessoas e tenha a sensibilidade para se adaptar o melhor possível aos diferentes tipos de pessoas.

Para isso ele precisa de ter uma tremenda paciência, quer para animar um jogador de tipo nervoso ou dominar o demasiado convencido. Ele deve ter a sensibilidade para

Parece evidente que, pouco a pouco, a selecção nacional se foi impondo por si própria, conforme o real valor dos jogadores e a sua forma, tirando hesitações ao seu responsável. Achei a deslocação à Escandinávia muito cuidada pois todos os postos estavam cobertos dum modo que me pareceu «necessário e suficiente», salvo numa dúvida que me fica nos 3/4 e penso esclarecer com o tempo.

Já quanto aos oito acompanhantes (25% da Embaixada!) não me parece poder dizer-se o mesmo. Ressalve-se a ida do Tesoureiro da F.P.R., Sr. Albano Rodrigues que se deslocou à sua custa.

E houve capitão. Insisto neste ponto. Os britânicos (sempre eles!) dizem «que mais vale jogar com 14 e um capitão de que com um XV acéfalo». Isto não significa que Raul Martins não seja um jogador, é óbvio, embora precise, certamente, de adaptar-se ao lugar de 2.ª linha (onde hoje o seu concurso pode ser incomparavelmente melhor do que a n.º 8) pois, das vezes que eu o tenho visto neste posto, na «melée» não me pareceu que estivesse empregando todo o poder de que o julgo dotado e na «touche» tem de adaptar-se a uma posição muito mais difícil, a meio da linha, saltando em tempo, com muito menor liberdade do que o n.º 8, ou dando apoio eficaz a outro saltador.

A escolha do campo contra o vento (forte) na Suécia foi importantíssima, direi mesmo, fundamental. Uma equipa que, «à priori», é menos atlética, vem de viagem e faz um jogo na ante-véspera, tem que garantir-se para os «últimos rounds», sobretudo dispondo dos pés dum Eiró e dum Mingas. Os britânicos (ainda e sempre eles!) dizem que uma equipa que, contra vento forte, perde ao intervalo

por dois ensaios ou o equivalente, tem o «match» no papo. As equipas foram bem organizadas. A ideia de utilizar o «jovem» Quim Pereira foi excelente (é ele, sem dúvida, quem ainda dispõe de maior poder para empurrar na «melée»). E a sorte propiciou-lhe um belo ensaio. Foi um esplêndido fim de carreira como internacional. Está de parabéns.

A inclusão de Vasco Lynce (aliás, de justificação óbvia) veio demonstrar que podemos voltar a ter flankadores desde que se procurem com o devido perfil psicossomático... e se ensinem a jogar. Com ele, com Fernando Santos, Carlos Lancastre e outros que se formem (e já não falo em C. Moita) podemos ter o problema resolvido.

O principal problema, porém, continua a ser a 2.ª linha: a tal «fatalidade rática» de que sofremos. Embora raros, é preciso descobrir e acarinhar, rapazes muito altos, saltadores possantes que não treinem só quando lhes cheira a passeio (não é verdade Filipão?). A óptima «detente» e o «timing» de Olgário, que fazem dele um bom saltador (finalmente, abandonou-se a rigidez da localização na «touche») e a sua relativa falta de velocidade, sobretudo de arranque, aconselham a sua especialização como 2.ª linha ou como n.º 8 mas não como flankador (tal qual como Bernardo M. Pinto). Por outras razões, também é de ter debaixo do olho para 2.ª linha Luis Carlos Costa.

Para a 1.ª linha parece haver valores disponíveis, em quantidade e qualidade.

Como n.º 8 há que contar com a hipótese de alguma vez Bernardo M. Pinto não poder jogar. Não vejo ainda, já formado, alguém ao seu nível; mas vejo-os em potencial: Fernando Santos, Olgário Borges e outros.

Nos médios, o Clube Portugal está actualmente bem, tanto em titulares como em suplentes (refiro-me a um Sares de Albergaria aperfeiçoado e a um Dídio de Aguiar) mas há que treiná-los em conjunto — o que não me parece que tenha acontecido — e preparar valores que parece estarem despontando.

Nos 3/4 não gostaria de insistir mais no caso C. Moita; já está tudo dito (mas Vasco Lynce, antigo 3/4 ponta, veio trazer mais força à argumentação já tantas vezes aduzida). Experimentem a minha aposta, a nível de clube, claro está. Até por que para o ano é preciso mesmo defender. De resto, M. Gramaxo merece toda a insistência e outros pontas como A. Moita, João Toulson e outros potenciais estão a caminho. Tirem-lhes os tempos, é indispensável.

Nos centros existe uma certa riqueza já formada entre os experimentados este ano e haverá ainda que contar com outros como António Coelho, Aníbal Miranda, etc...

#### AINDA O XV IDEAL

O oportuno inquérito à opinião de sete dos responsáveis pelo oito clubes da I Divisão levada a efeito pela R.R. (n.º 7) parece confirmar tudo quanto se tem escrito. E teve ainda, certamente, uma acção formadora nos próprios técnicos inqueridos, levados a pensar, a comparar, com calma e senso, sem a paixão da palavra falada que, às vezes, tanto nos afasta da verdade e da justiça, o que depois nos entristece quando honestamente reflectimos. Foram-me fornecidos os resultados da votação depois de somados os votos individuais para cada posto e teria até interesse serem publicadas na íntegra pois

adoptar as táticas aos jogadores que são capazes de as executar; ele deve ter também a sensibilidade para persuadir os diferentes elementos da sua equipa para os levar atrás de si.

Ele também deve ter a capacidade para continuar quando alguns companheiros comecem a quebrar. (Um jogador tem de ir buscar novas forças para enfrentar um elemento que entrou a substituir o seu adversário directo). É muitas vezes no treino, que não deve ser demasiado descontraído, que se criam esses hábitos e se ganha confiança para não haver excessivo nervosismo nos jogos importantes.

Um capitão deve ser simpático para com os jogadores da sua equipa; uma palavra de elogio por um acto de coragem pode transformar um jogador ou uma equipa. Um simpático inclinar de cabeça ou sorriso pode

ser suficiente, mas gritar é grosseiro e muitas vezes não resulta. O «capitão» que passa todo o tempo a gritar para os avançados nas formações ordenadas e nos alinhamentos, é raramente ouvido quando a equipa necessita de comando efectivo nas formações esportivas.

O melhor jogador, ou o homem mais proeminente, não faz necessariamente o melhor «capitão», como muitas vezes se prova que por temperamento um individualista é incapaz de apreciar o ponto de vista de um outro homem. O capitão tem de moldar os seus jogadores por forma a conseguir um forte espírito de equipa.

Se o «capitão» for um homem que tem a sensibilidade para sentir o ambiente geral dos seus jogadores ele tem condições para encontrar o momento exacto para abordar os problemas.

Por vezes o «capitão» é escolhido sem atender à posição em que ele deve jogar. Os lugares de primeira escolha são os que estão no centro da equipa, i.e., os médios e o n.º 8. Os centros e os 3.ªs linhas também podem ser, mas nos restantes lugares é difícil chefiar uma equipa.

Os médios por serem os principais distribuidores de jogo e o n.º 8 que poderá simultaneamente chefiar o sector dos avançados para que eles conquistem as bolas em boas condições permitindo um rugby de ataque às suas linhas atrasadas. No entanto o médio de abertura poderá não ser preferido se atendermos a que ele tem de estar especialmente concentrado no seu jogo por forma a que a sua equipa consiga vencer a linha de vantagem o maior número de vezes possível.

O «capitão» deve ter sempre presente que



revelam a escassez de nomes para (certos postos e até a propensão, que se adivinha, de alguns inqueridos terem sido levados a introduzir os nomes dos seus pupilos pois que aparecem alguns praticamente desconhecidos. O critério seguido para determina-

ção dos três primeiros lugares foi o de eliminar duplicações, isto é, eliminar para cada posto o jogador já classificado para um posto em lugar superior, o que se verificou com uma certa frequência, designadamente para os 2.<sup>a</sup> linhas e os flaqueadores e os 3/4

centros. Quando houve que desempatar, atendeu-se em primeiro lugar ao maior número de votos nas primeiras classificações, e, em segundo lugar, ao maior número de pontos obtidos noutros postos (cujos totais se indicam entre parêntesis).

## N.º 1 – PILAR ESQUERDO

- 1.º João Carlos (Benf.) . . . . . 20 (20)
- 2.º Joaq. Pereira (CDUL) . . . . . 7 (11)
- 3.º Diogo R Curto (Agr.) . . . . . 2 (3)

## N.º 2 – TALONADOR

- 1.º Manuel Saraiva (CDUL) . 14 (14)
- 2.º Ernesto Pinto (Benf.) . . . 13 (13)
- 3.º Gil (AAC) . . . . . 6 (6)

## N.º 3 – PILAR DIREITO

- 1.º Henr. Macieira (CDUL) . . 21 (21)
- 2.º Vítor Pereira (AAC) . . . . . 9 (12)
- 3.º Pedro Pimentel (CDUL) . . 6 (7)

## N.º 4 – 2.ª LINHA ESQUERDO

- 1.º Filipe Oliveira (Dir.) . . . . . 11 (11)
- 2.º M. Duarte Silva (Bel.) . . . . 3 (4)
- 3.º Cristiano (CDUP) . . . . . 2 (2)

## N.º 5 – 2.ª LINHA DIREITO

- 1.º A. D.ores (Téc.) . . . . . 12 (20)
- 2.º Luís Claro (Téc.) . . . . . 9 (16)
- 3.º Rebocho Vaz (AAC) . . . . . 6 (8)

## N.º 6 – FLANQUEADOR ESQ.

- 1.º Carlos Ferreira (Téc.) . . . 12 (21)
- 2.º Fern. Santos (CDUL) . . . . 7 (13)
- 3.º P. Lucas (Téc.) . . . . . 7 (9)

## N.º 7 – FLANQUEADOR DIREITO

- 1.º Olgário Borges (Dir.) . . . . 8 (15)
- 2.º C. Lencastre (CDUP) . . . . . 7 (9)
- 3.º Luís C. Costa (AAC) . . . . . 6 (8)

## N.º 8 –

- 1.º Bern. M Pinto (CDUL) . . . 20 (22)
- 2.º Raul Martins (Téc.) . . . . . 13 (25)
- 3.º Francisco Grenho (Benf.) . . 3 (3)

## N.º 9 – MÉDIO DE FORMAÇÃO

- 1.º João Magalhães (CDUL) 18 (18)
- 2.º José M Albergaria (Agr.) 12 (12)
- 3.º Eugénio Maleiras (AAC) . . 7 (7)

## N.º 10 – MÉDIO DE ABERTURA

- 1.º Pedro Eiró (CDUL) . . . . . 21 (21)
- 2.º Rui Muralha (Bel.) . . . . . 9 (9)
- 3.º José Muralha (Téc.) . . . . . 5 (5)

## N.º 11 – 3/4 PONTA ESQUERDO

- 1.º C. Moita (CDUL) . . . . . 12 (18)
- 2.º Paulo Reis (Agr.) . . . . . 6 (7)
- 3.º Manuel Costa (AAC) . . . . . 6 (11)

## N.º 12 – 3/4 CENTRO ESQUERDO

- 1.º Domingos Megre (CDUL) 17 (19)
- 2.º Luís Roxo (Bel.) . . . . . 6 (11)
- 3.º Sérgio (AAC) . . . . . 3 (3)

## N.º 13 – 3/4 CENTRO DIREITO

- 1.º Paulo Consciência (Agr.) 13 (13)
- 2.º Dídio Aguiar (Dir.) . . . . . 6 (13)
- 3.º Manuel Paisana (Dir.) . . . . 6 (6)

## N.º 11 – 3/4 PONTA DIREITO

- 1.º M. Saraiva Lima (Agr.) . . 13 (20)
- 2.º A. Moita (CDUL) . . . . . 6 (6)
- 3.º João Toulson (Bel.) . . . . . 4 (6)

## N.º 15 – DEFESA

- 1.º Manuel Costa (Bel.) . . . . . 17 (17)
- 2.º Man. Gramaxo (CDUP) . 16 (18)
- 3.º António Aguiar (Dir.) . . . . 4 (4)

Já foi comentado no R.-R. anterior a dispersão de votos de alguns votados designadamente quanto aos flaqueadores e 2.<sup>as</sup> linhas, bem como para certos centros e pontas — parecendo que os votantes não estão bem informados quanto ao lado (esquerdo ou direito) em que os seus votados costumam jogar ou não distinguem bem o perfil dum posto e do outro. Os casos mais flagrantes foram os de Raul Martins (votado a

n.º 8, flaqueador esquerdo e 2.<sup>a</sup> linha dos dois lados, num total de 25 pontos) e o de Dídio Aguiar (para médio-de-abertura, centro esquerdo e direito e ponta esquerdo, num total, de 13 pontos).

Espera-se que um próximo inquérito, com melhor explicitação do questionário e respectivas instruções, se consiga uma maior consistência nas respostas.

Também é de notar que o talonador que

actuou nas duas últimas selecções, António Duque, não teve mais do que dois votos em 3.<sup>a</sup> posição (!) M. Gramaxo apenas teve um voto a ponta (esquerdo) em 2.<sup>a</sup> posição (!). E Dídio Aguiar, dos seus 13 votos, apenas teve um como médio-de-abertura, em 3.<sup>a</sup> posição (!).

Com base nestas classificações e votos, construí um quadro que dá, para cada clube, a soma de pontuação obtida através dos

1) Se fôr o primeiro a escolher, inicie o jogo com qualquer vantagem quer seja vento, sol ou bola. Não tente ser advinho, admitindo que o vento na 2.<sup>a</sup> parte vai ser mais forte.

2) Não irrite o árbitro e não se deixe irritar por ele. O árbitro interpreta as leis e não os jogadores.

3) Esteja à frente dos acontecimentos especialmente nos primeiros e nos últimos minutos.

4) Nunca deixe que os três-quartos se queixem dos avançados ou que estes digam mal daqueles.

5) Aplauda o individual e repreenda a equipa.

6) Se o «capitão» está especialmente cansado deve solicitar informações aos outros jogadores que lhe permitam tomar decisões.

7) O «capitão» é responsável pelo comportamento da sua equipa; é fundamental que ele assuma atitudes correctas e o exija aos seus companheiros.

8) Quando há uma paragem, por lesão não grave, ou para executar um pontapé de transformação, o capitão deve utilizá-la para falar com os membros da sua equipa.

9) Dar especial atenção para o jogador do tipo nervoso ou para aquele que é novo na equipa.

10) Não esquecer de elogiar uma acção que não é vista pelo público; talonagem num «ruck» pode ser mais importante que um «side step» de um três quartos.

11) No fim do jogo deve agradecer ao árbitro a sua participação e cumprimentar o «capitão» da equipa contrária.

12) Nunca amuar, especialmente num vestiário depois de um jogo.

Tudo o que atrás fica exposto são aspectos necessários mas que podem não ser suficientes para o desempenho da função de «capitão» de equipa.

\* «capitão» da Selecção Nacional e do Técnico.



O CDUL foi o clube que mais jogadores deu à selecção. Na foto, referente à partida de Coimbra, reconhecem-se Bernardo e Pinto Magalhães

seus jogadores, até ao 3.º lugar, seguindo dois critérios diferentes: (1) simples soma

dos pontos obtidos por cada votado e (2) total obtido pela soma dos produtos dos 1.ºs, 2.ºs

e 3.ºs lugares obtidos pelos coeficientes 3, 2 e 1, respectivamente.

#### PONTUAÇÃO DOS CLUBES PELA SOMA DOS VOTOS NOS SEUS JOGADORES

POSTO	TÉCNICO	CDUL	CDUP	AAC	AGRONOMIA	DIREITO	BENFICA	BELENEN.
15	—	—	2.º (16)	—	—	3.º (4)	—	1.º (17)
14	—	2.º (6)	—	—	1.º (13)	—	—	3.º (4)
13	—	—	—	—	1.º (13)	2.º (6) 3.º (6)	—	—
12	—	1.º (17)	—	3.º (3)	—	—	—	2.º (6)
11	—	1.º (12)	—	3.º (6)	2.º (6)	—	—	—
10	3.º (5)	1.º (21)	—	—	—	—	—	2.º (9)
9	—	1.º (18)	—	3.º (7)	2.º (12)	—	—	—
8	2.º (13)	1.º (20)	—	—	—	—	3.º (3)	—
7	—	—	2.º (7)	3.º (6)	—	1.º (8)	—	—
6	1.º (12) 3.º (7)	2.º (7)	—	—	—	—	—	—
5	1.º (12) 2.º (9)	—	—	3.º (6)	—	—	—	—
4	—	—	3.º (2)	—	—	1.º (11)	—	2.º (3)
3	—	1.º (21) 3.º (6)	—	2.º (9)	—	—	—	—
2	—	1.º (14)	—	3.º (6)	—	—	2.º (13)	—
1	—	2.º (7)	—	—	3.º (2)	—	1.º (20)	—
Primeiros ...	2 (24)	7 (123)	—	—	2 (26)	2 (19)	1 (20)	1 (17)
Segundos ...	2 (22)	3 (20)	2 (23)	1 (9)	2 (18)	1 (6)	1 (13)	3 (18)
Terceiros ...	2 (12)	1 (6)	1 (2)	6 (34)	1 (2)	2 (10)	1 (3)	3 (4)
1.º × 3	6	21	—	—	3	6	3	3
2.º × 2	4	6	4	2	4	2	2	6
3.º × 1	2	1	1	6	1	2	1	3
Soma ..	12 (58)	28 (149)	5 (25)	8 (43)	8 (46)	10 (35)	6 (36)	12 (39)



← Parece que a 1.ª forma é a que dá melhor ideia do valor real da equipa em funções da «cotação» dos seus jogadores porquanto entra como o «peso» real dos votos alcançados por cada um, portanto menos sujeita à dispersão de critérios.

149	.....	CDUL	.....	28
58	.....	TÉCNICO	.....	12
46	.....	AGRONOMIA	.....	8
43	.....	A.A.C.	.....	8
39	.....	BELENENSES	.....	12
36	.....	BENFICA	.....	6
35	.....	DIREITO	.....	10
25	.....	CDUP	.....	5

## O CAMPEONATO NACIONAL DE 1980-1981

João Fragoso Mendes recolheu dos boletins dos jogos, existentes na F.P.R., os

elementos necessários à construção duma tabela completa da classificação do Campeonato — que é inexplicável a Federação não elaborar e ir dando à publicidade à medida que as provas se vão desenrolando, tanto mais que, no órgão federal, há hoje quem seja pago para, obviamente, efectuar os trabalhos necessários e entre estes não será o menor o de manter informados atempadamente os seus associados e o público com dados deste tipo (aliás, a própria ANOP justifica o facto de não fornecer informações sobre rugby aos meios de comunicação por não os receber da Federação).

Mas mais lamentável ainda — e imperdoável — é terem desaparecido dos referidos boletins as referências aos marcadores, não se podendo hoje estabelecer estatísticas

sobre «scorers», muitíssimo importantes para quem tem de observar e formar selecções. E até estabelecer, se se quisesse, como estímulo, prémios para os melhores marcadores de ensaios (ou de golos). Seria do maior interesse que os responsáveis dos clubes, que certamente dispõem desses dados, os enviassem à R.-R. para elaboração das respectivas estatísticas. Aqui fica o pedido.

Bom, com muito trabalho (que não devia ser meu) elaborei o Quadro Analítico do Campeonato onde qualquer pretendente a analista poderá tirar ilações interessantes. E então, como compilador do referido mapa, serei eu o seu primeiro analista mas também aqui o deixo para análise de todos os que o quiserem para isso utilizar.

## QUADRO ANALÍTICO DO CAMPEONATO NACIONAL DE 1980-1981

CLASSIFICAÇÃO	RESULTADOS				PONTOS									
	V.	E.	D.	P.	MARCADOS					SOFRIDOS				
					TOTAL	E.	T.	D.	P.P.	TOTAL	E.	T.	D.	P.P.
1.º Técnico	13	1	—	41	213	23 92	11 22	5 15	28 84	106	10 40	6 12	3 9	15 45
2.º CDUL	8	1	5	31	214	36 144	17 34	2 6	10 30	157	21 84	11 22	0 0	17 51
3.º CDUP	7	1	6	29	187	27 108	11 22	1 3	18 54	154	19 76	9 18	6 18	14 42
4.º AAC	7	—	7	28	214	29 116	10 20	6 18	20 60	171	27 108	9 18	1 3	14 42
5.º Agronomia	6	1	7	27	153	24 96	12 24	3 8	8 24	212	32 128	18 36	1 3	15 45
6.º Direito	5	1	8	25	149	18 72	10 20	0 0	19 57	193	28 112	12 24	3 9	16 48
7.º Benfica	5	1	8	25	111	14 56	8 16	1 3	17 36	182	22 88	8 16	3 9	23 69
8.º Belenenses	1	2	11	18	136	19 76	6 12	1 3	15 45	202	31 124	12 24	2 6	16 48
TOTAIS					1377	190 760	85 170	19 57	130 390	1377	190 760	85 170	19 57	130 390
MÉDIAS					172,12	23,75	10,62	2,38	16,25	172,12	23,75	10,62	2,38	16,25

A primeira ideia que me vem à mente é a de analisar os dados por clube com médias. Assim, e começando pelos ensaios, cuja média (marcados e sofridos, é óbvio) é de 23,75 por clube, verifica-se que o indiscutível Campeão se encontra precisamente nesse nível nos ensaios marcados (23) e muito abaixo nos sofridos, sendo de longe o que menos os consentiu (10). Em contraste, o CDUL, 2.º classificado, é o que mais largamente ultrapassou a média dos ensaios marcados (36), aproxima-se da média nos

ensaios sofridos (21), revelando que a sua defesa não corresponde ao ataque. A Académica (29), o CDUP (27) e Agronomia (24) também ultrapassam a média dos marcados, ficando a Académica na média dos sofridos (23), apresentando-se como os mais fracos defensores Agronomia (32) e Belenenses (31).

Quanto aos golos obtidos por pontapés-de-penalidade, para uma média de 16,25 por clube, o Campeão Nacional apresenta-se com 28 marcados e próximo da média

nos sofridos (15). O CDUL e Agronomia são os que menos pontapés transformaram (10 e 8, respectivamente), sendo o CDUL o segundo dos que mais golos sofreram (17) mas largamente batido pelo Benfica (23).

Em «drop-goals», a Académica obteve maior número (6) imediatamente seguida do Técnico (5).

Para uma média de 55,2% pontos alcançados por cada clube à custa de ensaios, o Campeão apresenta o índice mais baixo

(43,2%), no seu total de 213 pontos, e o CDUL o mais alto (67,3%), nos seus 214 pontos marcados.

## CHARADA

Passando agora em revista todos estes

números que, de modo sinóptico, se apresenta no quadro seguinte, poder-se-ia apresentar «uma charada»:

## SINOPSE

	CLUBES							
	TÉCNICO	CDUL	CDUP	AAC	AGRON.	DIREITO	BENFICA	BELEN.
<b>Campeonato Nacional</b>	1.º	2.º	3.º	4.º	5.º	6.º	7.º	8.º
Vitórias .....	13	8	7	7	6	5	5	1
Empates .....	1	1	1	—	1	1	1	2
Derrotas .....	—	5	6	7	7	8	8	11
Total de pontos .....	41	31	29	28	27	25	25	18
Ensaio .....	23- 10	36- 21	27- 19	29- 27	24- 32	18- 28	14- 22	19- 31
Transformações .....	11- 6	17- 11	11- 9	10- 9	12- 18	18- 12	8- 8	6- 12
Drops .....	5- 3	2- 0	1- 6	6- 1	3- 1	0- 3	1- 3	1- 2
Pontapés de penalidade ...	28- 15	10- 17	16- 14	28- 14	8- 16	19- 16	12- 23	15- 16
Total marcados .....	213-106	214-157	187-154	214-171	153-212	149-193	111-182	136-202
<b>Campanha internacional</b>								
Jogadores utilizados .....	4 (1)	8 (-)	1 (-)	2 (-)	4 (-)	5 (-)	2 (-)	2 (-)
Número de utilizações .....	8,5 (1)	25 (-)	2,5 (-)	2 (-)	5 (-)	9 (-)	7 (-)	3,5 (1)
Média de utilização .....	2,125	3,125	2,500	1,000	1,250	1,500	3,500	1,750
<b>«Quinze» Ideal</b>								
Total de Pontos:								
— 1.º critério .....	58	149	25	43	46	35	36	39
— 2.º critério .....	12	28	8	8	12	10	10	12

— Como é que não sendo o Técnico o clube dispondo dos melhores valores individuais — segundo os apuramentos resultantes da análise feita à «Seleccção Nacional» e ao «XV Ideal», largamente batido pelo CDUL, e até por Direito no primeiro caso — foi o incontestado Campeão Nacional, invicto, com uma margem de 10 pontos sobre o 2.º classificado, o CDUL, que, é, no papel, de longe a equipa mais rica naqueles critérios?

Mas a resposta é simples.

Orientação ponderada e permanente:

— inteligência na optimização da estratégia e táticas

— trabalho sério

Na realidade, os responsáveis do Técnico — «Coach» e Capitão — perante o quadro dos elementos disponíveis, adoptaram um tipo de jogo consentâneo, i.e., o dum «ten men team» trabalhando-o duramente e os resultados vieram por acréscimo, muito naturalmente.

Não é que eu seja adepto deste tipo de rugby. Nem certamente o serão o Prof. E. F. Monteiro da Silva e o Eng.º Raul Martins. Seguramente prefeririam dispor duma equipa para praticar um rugby integral, mas, não dispondo dos necessários valores individuais para tanto, lembraram-se de que «quem não tem cão caça com gato» e decidiram pela

opção inteligente de tomar por base a força do seu «pack» e o pontapé do seu médio-de-abertura.

Os números que passámos em revista mostram bem a sua opção de «jogar ao pé» — o que não é a mesma coisa do que «jogar com os pés». Digo isto porque me lembro de que, nos tempos em que jogava bridge e falhava uma passagem de mão do feito para o morto ou vice-versa ou me distraía e me baldava indevidamente a uma carta fundamental num «squeeze» do adversário não 100% vitorioso à partida, me criticava sempre dizendo «já futebolei!» ou «joguei com os pés».

Não é o caso e estão de parabéns os responsáveis do Técnico. Pelas provas dadas estou convencido de que quando dispuserem dos elementos necessários saberão tirar deles o possível partido para realizarem um rugby integral... que é a alegria de jogar.

Mas também é verdade que não tiveram adversário à altura. Continua a jogar-se muito pouco ao «nível senior» nos clubes.

O Belenenses tem um fiozinho do jogo muito agradável — talvez mesmo o mais agradável de todas as equipas — mas falta-lhe «endurance», sobretudo ao nível do «pack», pouco poderoso, e que o seu médio-de-abertura se resolva a arrancar. Talvez



Os avançados do Técnico foram a grande «arma» que levaram a equipa ao seu primeiro título



◀ que uma rotação dum ano na II Divisão lhe seja favorável.

O Benfica tem alguns bons valores mas jogaram na maior parte das vezes fora dos postos que se cuadam com os seus dotes psico-somáticos e técnicos. E atravessou um ano de grave crise directiva.

Os rapazes do Direito, que está relativamente bem apetrechado, são capazes do melhor e do pior. São assim como que uma espécie de irlandeses — com a agravante dos seus praticantes, pelo menos uma boa parte, praticarem muito pouco.

Agronomia parece querer finalmente começar a corresponder às promessas que a sua célebre equipa de juniores adiantava. E porquê só agora? Serão realmente decorrentes do valor próprio os últimos resultados ou falta de valor dos adversários?

O «pack» da A.A.C. está muito longe daquele que Tony comandava e que, com um médio-de-formação actuando como no avançado, fazia um jogo de «*nine men team*», muito ajudada pelos precalços a que eram sujeitos os seus adversários obrigados a jogar no seu campo n.º 2. Não traz grandes promessas sobretudo por que não se lhe vêm valores novos em lugares-chave.

O CDUP foi a grande surpresa do ano, autêntico «*out-sider*». Nunca o vi jogar e não sei bem a que atribuir, perante os números de que disponho, o êxito que quatro ou cinco valores mais conhecidos não justificam.

O CDUL... Bom, o CDUL foi o malbaratar duma valiosa herança. Atendem-se nos índices que o qualificam, e no seu passado, mesmo recente, comparem-se com os resultados obtidos e quem quiser que conclua.

De resto, não é andando a correr à roda do campo em treinos que me fazem lembrar o dos vendedores de jornais que no meu tempo eram os grandes fundistas — v.g. Manuel Dias e António Almeida — e com um «*joguinho*» a seguir, que só alguns jogadores levam a sério, sem qualquer controlo crítico, que se criam equipas, por muito ricas que sejam em valores individuais.

Se uma boa forma física é imprescindível para bem jogar — seja qual for a actividade desportiva, no mundo de hoje, já se não vai lá só com «*jeitinho*» — não se podem fazer coisas que não se sabem fazer, que não se aprendem.

Estou quase cansado de chamar a atenção para este problema que é o da falta de quem ensine e/ou de orientação nos três capítulos com que se conduz uma equipa: direcção, ensino e treino. Mais uma vez alerta e peço que leiam, pelo menos, as páginas 17, 18 e 19 do RUGBY FOR COACH



Agronomia e Belenenses, equipas de processos semelhantes, mas que realizaram um campeonato diferente

AND PLAYER (1971), de Don Rutherford, orientador técnico da Rugby Football Union, de que não resisto mesmo a traduzir a parte do texto mais aplicável.

«Se o ensino básico do rugby fosse dominado pela especialização INDIVIDUAL, SECTORIAL E DE EQUIPA, todos estaríamos falando a mesma língua, tendo um claro objectivo em mente. Infelizmente, não é isto que se verifica e o mais frequente é gastarmos 90% dos nossos esforços para atender apenas a 10% do problema. Isto pode ser ilustrado de forma admirável tendo em atenção estas duas palavras: treino («*training*») e prática («*practice*»).

A palavra *treino*, como os clubes a têm concebido, significa que duas tardes por semana os jogadores são levados a gastar de 10 a 60 minutos como cavalos percorrendo o campo para baixo e para cima e executando uns estranhos e maravilhosos exercícios de modo a mantê-los em forma razoável para o sábado seguinte.

Isto não é mais do que uma forma não realista e desnecessária de desperdiçar tempo que só pode agradar a um masoquista... é que, para... «um passatempo agradável» — e o rugby é isto, com certeza — deve utilizar-se o tempo disponível para a preparação do jogo da forma mais eficiente possível. Então há que ter sempre em uso uma bola e ir declaradamente para uma execução

seleccionada de actos individuais, sectoriais e de equipa sob pressão, em ambas as sessões semanais de PRÁTICA. E repare-se agora que eliminei a palavra *treino*.

Mas não interpretem mal as minhas palavras, há também lugar para o treino (preparação física) «...» mas o ideal é o jogador chegar à sessão de prática de rugby «em forma para o praticar» e não chegar fora de forma e desperdiçar tempo em adquiri-la».

Foi isto o que eu sempre fiz, nunca precisei de recorrer a preparação física que não fosse, na realidade, sempre praticando actos de rugby. E os resultados que obtive com as minhas equipas são suficientemente conhecidos para atestarem o sistema. E foi isto certamente o que os responsáveis pelo Técnico tiveram em conta, fazendo três em vez de dois treinos semanais e aproveitando a 100% o tempo disponível. Discernimento e seriedade de processos. Os resultados estão à vista.

Volto a dizer, não sou adepto do «*ten men rugby*» mas tenho de prestar as minhas homenagens a quem tão bem se saiu da opção que tomou. Só que lhes desejo também que possam preparar os elementos necessários para a prática do rugby integral que é a alegria do próprio jogo.

E este ano o campeonato foi uma tristeza! Que mal que se jogou a nível de clubes!

# FORMAÇÃO

Sob autorização da RFU/Rugby Post prosseguimos, neste número a série de 10 artigos, de autoria de Don Rutherford e P. J. Colston, originariamente vindos à lume nas páginas daquele jornal da Federação Inglesa, cada um deles tratando de uma posição — requisitos, formas de treino, etc., — dentro de um «quinze». Agora, cabe a vez ao Formação

**D. RUTHERFORD/P. J. COLSTON**

(Rugby post)

Os artigos desta série não são definitivos nem pretendem sê-lo. O seu objectivo é estimular as ideias acerca das técnicas posicionais aplicáveis a cada jogador de uma equipa de rugby. Não esperamos, necessariamente, que todo e qualquer treinador, ou jogador, aceite as opiniões que expressamos, designadamente no que respeita aos exercícios sugeridos e programados de preparação física — cada um poderá ter ideias melhor adaptadas às suas necessidades.

Partimos do princípio de que um treino a sério e um programa de prática por sectores têm lugar duas vezes por semana e de que cada treinador poderá imaginar outros exercícios.

## REQUISITOS PRINCIPAIS

Discernimento para passar a bola rapidamente e de forma precisa do chão e do ar.

## PRIORIDADES TÉCNICAS BÁSICAS

### JOGO À MÃO

Apanhar a bola do chão ou do ar.

Executar passes com as duas mãos, em qualquer direcção, rapidamente, com precisão e compridos, por esta ordem de prioridades.

Introduzir na «melée» correctamente.

### CORRIDA

Velocidade, poder e grande agilidade são essenciais nos 10 metros iniciais.

Sprint 25 por cento

Ritmo de três-quartos 50 por cento

Ritmo de médio 25 por cento.

### PONTAPÉS

Pontapear de forma precisa com ambos os pés.

Pontapé de balão.

Pontapé rente ao solo.

ambos incluindo todas as variações de altura e comprimento.

Pontapé de ressalto.



### CONTACTO

Quando apanhado pelo adversário na posse da bola, desempenhar o seu papel no «maul».

Cair sobre a bola e levantar-se imediatamente.

Placagem frontal, lateral e pela retaguarda, particularmente ao adversário directo nas «melées».

## PREPARAÇÃO MENTAL

Pensar, observar, falar e ler tanto quanto possível acerca do jogo.

Estar ciente das forças e fraquezas da sua equipa, do papel que nela desempenha, particularmente em relação ao médio-de-abertura e terceiras linhas. Podem incluir-se também variações no alinhamento e combinações nos pontapés-de-penalidade ou pontapés livres.

Analisar os pontos fortes e fracos do adversário, em particular dos seus «jogadores-chave» e o tipo de jogo que provavelmente irão praticar. Concentrar-se especialmente nos médios e terceiras linhas. Tomar em consideração os seus pontos fortes e fracos e as opções que se lhes deparam. Um bom médio-de-formação deve ser capaz de prever o que os adversários farão e estar em posição de transmitir à sua equipa essas intenções.

Tomar em consideração cuidadosamente as condições climáticas e as características particulares de cada campo e a influência que isso pode ter no seu jogo.

Considerar, particularmente, o vento e a forma como ele pode variar durante o jogo.

Ao jogar, concentrar-se no jogo todos os momentos. Por ser o primeiro jogador da equipa que toca a bola na maior parte das situações, o médio-de-formação deve estar ciente da sua influência na actuação da sua equipa.

## EXERCÍCIOS DE PRESSÃO

O médio-de-formação deve treinar frequentemente a introdução na «melée» e desenvolver o seu entendimento com o talonador e primeira linha.

O médio-de-formação deve treinar sob pressão variável:

- o passe em pé;
- o passe em mergulho;



- ◀ c) o passe de pião;
- d) o passe invertido.

Os passes devem ser treinados para a direita e para a esquerda, a partir de bolas no chão e, quando recebidas em pé, vindas de:

- a) alinhamentos;
- b) «melées»; e
- c) «ruck» ou «maul».

Os passes do médio-de-formação devem reflectir qualidade, assim como demonstrar domínio de todas as suas formas.

Há grande vantagem que o treino, sob pressão, dos passes, se faça com o companheiro de equipa (abertura) que habitualmente com ele joga, de maneira que se desenvolva o entendimento entre os médios.

O jogador deve treinar, sob pressão variável, a partir de situações estáticas ou de recomeço de jogo, correndo com a bola para iniciar ou continuar um ataque. Deve incluir pontapés-de-penalidade e pontapés livres. O médio-de-formação deve treinar a receber a bola sob pressão de:

- a) alinhamento;
- b) «melée»;
- c) «ruck/maul»;
- d) pontapés do adversário

e das várias posições dentro do campo:

- a) pontapé directo para fora do lado direito, com o pé direito, e para o lado esquerdo, com o pé esquerdo;
- b) fazer a bola tocar o solo antes de sair, quando pontapeada fora dos 22 metros – pé direito para a linha lateral do lado direito, pé esquerdo para o lado esquerdo;
- c) pontapear a bola para a frente dos avançados;
- d) pontapé de balão curto para o lado fechado para as linhas atrasadas.

O médio-de-formação deve treinar, sob pressão variável, o seu papel quando recupera a bola e quando é apanhado pelo adversário na posse da bola:

- a) na «melée»;
- b) no alinhamento;
- c) atrás dos avançados, especialmente da terceira linha;
- d) à frente dos seus avançados.

Treino de placagem a opositores com maneiras diferentes de correr e de envergadura física variável, deve efectuar-se:

- a) pela retaguarda, como sucede quando placa o adversário directo à saída da «melée»;

- b) frontal;
- c) lateral.

## EXEMPLOS DE EXERCÍCIOS DE PRESSÃO

### GENERALIDADES

Alguns dos exercícios envolvem jogadores de outras posições mas também podem ser realizados com médios-de-formação substituindo esses jogadores. Da mesma forma há exercícios de outras posições dentro da equipa que incluem médios-de-formação. Quando conveniente, o treino descrito deverá ser feito dos dois lados da linha limite do terreno indicado para o exercício e não só naqueles que as gravuras indicam, e variando de posição ao longo do seu comprimento.

As posições iniciais dos jogadores devem ser ajustadas à capacidade quer dos que se treinam quer daqueles que fazem oposição, a fim de variar o grau de pressão e assegurar que o ritmo durante o treino seja o mesmo que é exigido no jogo real.

O objectivo de cada exercício e o papel que nele desempenham deve ser claramente explicados aos jogadores que fazem oposição.

### 1. JOGO À MÃO (Sem oposição, em grupos de três, mais um «fornecedor de bolas» – Feeder.)

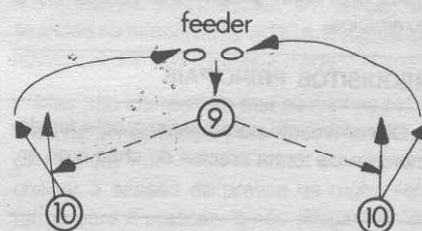
Equipamento: duas bolas.

Objectivo: treinar os passes básicos (de pé, de pião e mergulho).

O «fornecedor de bolas» entrega-as de várias maneiras para o médio-de-formação,

9, do ar, pelo chão, para a direita e para a esquerda. O médio-de-formação «abre» para os dois médios-de-abertura, 10, alternadamente. Estes devolvem as bolas ao «fornecedor». Repetir o exercício após duas bolas abertas para o mesmo lado.

Os médios-de-abertura actuam inicialmente parados e, depois, recebem a bola em corrida.



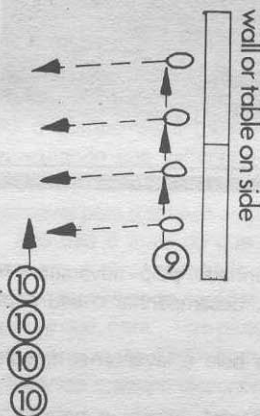
### 2 JOGO À MÃO (Sem oposição, em grupos de cinco.)

Equipamento: quatro bolas, duas mesas ou uma parede.

Objectivo: aperfeiçoar o passe em pé eliminando o passe «em balão».

As bolas são colocadas no chão separadas dois ou três metros entre si, distantes da mesa/parede só o suficiente para o médio-de-formação poder meter a mão. O jogador em treino, 9, «abre» uma bola a cada um dos médios-de-abertura, que, depois, volta a colocá-la na posição inicial. Repetir de outra direcção.

O médio-de-formação treina usando primeiro o passe rápido com uma mão, e depois com as duas mãos.



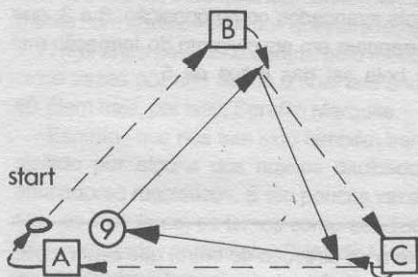
3. JOGO À MÃO (Sem oposição, em grupos de quatro a seis.)

Equipamento: uma bola.

Objectivo: aperfeiçoar o passe a partir de uma bola parada e de bola em movimento sob pressão crescente.

a) A bola é colocada no chão por A. O médio-de-formação, 9, abre a B e segue a bola. B apanha-a e põe-na no chão. O médio-de-formação abre-a de novo, agora a C. O treino continua sempre à roda do triângulo, por um período de tempo definido. Jogadores-extra podem intervir no exercício, de maneira a converter o triângulo num quadrado ou num círculo.

b) Como em 3.a) mas com a bola a rolar, em qualquer ponto do triângulo, quadrado ou círculo. O médio-de-formação prossegue o treino, abrindo a cada jogador.



4. JOGO À MÃO (Sem oposição, em grupos de três.)

Equipamento: duas bolas.

Objectivo: treinar o passe em mergulho.

A e B, cada um com sua bola, rolam-na suavemente, cada um por sua vez, em

direcção ao médio-de-formação, que a apanha e devolve, em passe de mergulho, primeiro a A. Logo após, levanta-se rapidamente e abre da mesma forma, a bola seguinte, enviada na sua direcção por B.

Repetir por um período definido de tempo ou de passes.



5. JOGO À MÃO (Sem oposição, em pares ou grupos de três.)

Equipamento: uma bola.

Objectivo: treinar a introdução da bola na «melée».

a) Dois médios-de-formação frente a frente. Um lança a bola para um alvo no

chão e o outro apanha-a e repete o exercício.

b) Como em 5.a) mas o médio-de-formação que recebe (agora inclinado como um avançado na «melée») faz um sinal abrindo e fechando a mão, indicando o momento da introdução.

c) Dois médios-de-formação simulam uma «melée», empurrando. O terceiro médio-de-formação ajusta a sua posição relativa à «melée» e introduz a bola quando ela estiver imobilizada e tiver recebido o respectivo sinal.

6. JOGO À MÃO (Sem oposição, em grupos de quatro.)

Equipamento: uma bola.

Objectivo: treinar o passe do chão à saída da «melée».

Dois jogadores simulam, formando um contra o outro, uma «melée» e um terceiro age como médio-de-abertura. O médio-de-formação introduz ao sinal, a bola é talo-

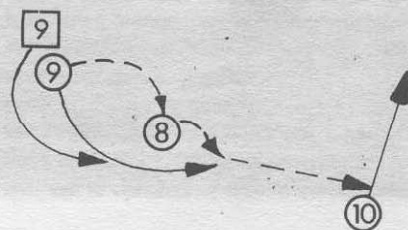
nada com a mão ou com o pé, numa predeterminedada direcção, e o formação abre, utilizando os vários tipos de passe, para o abertura.

7. JOGO À MÃO (Com oposição, três contra um.)

Equipamento: uma bola.

Objectivo: treinar o passe a partir da bola saída pelo canal central.

O médio-de-formação, 9, faz rolar a bola



em direcção ao n.º 8, simulando o trajecto no «canal» dentro da «melée».

O n.º 8 controla a bola de diferentes formas, movendo-se para a frente, para trás ou apanhando-a.

O médio-de-formação recebe a bola, via



# jogar a....

← n.º 8, e passa ao abertura, 10, ou «perfura» juntamente com o n.º 8.

8. JOGO À MÃO (Sem oposição, com o médio-de-abertura.)

Equipamento: quatro bolas.

Objectivo: treinar o passe do chão.

a) Colocar quatro bolas, separadas entre si de 10 metros, numa linha no sentido do

O médio-de- formação, 9, que faz oposição, dificulta a acção, a partir de uma

comprimento do campo. O médio-de- formação, em corrida, vai-as apanhando do chão e abrindo ao médio-de-abertura.

b) Como em 8.a), mas o treinador indica qual a bola que será jogada a seguir. Tal implicará certo afastamento em relação às

posição de «em jogo», primeiro arranoando da posição de joelhos e, depois, de pé, até que o n.º 9 toque na bola.

bolas e requer uma concentração extra no posicionamento e ligação entre os jogadores.

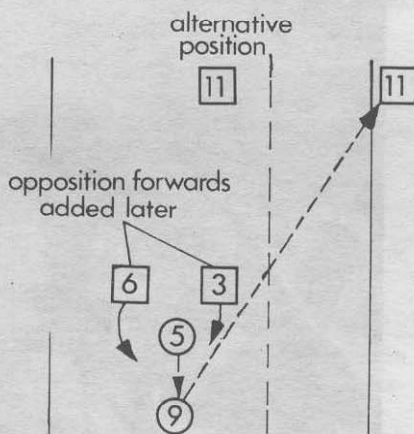
Ambos – a) e b) – se destinam a cobrir o treino de passes para a direita e para a esquerda, de pé, de pião e de mergulho.

9. JOGO AO PÉ (Sem oposição, em grupos de três e depois com oposição, dois contra três.)

Equipamento: três bolas.

Objectivo: treinar o pontapé por sobre os avançados, no alinhamento.

O 5 lança a bola para 9 de maneiras diferentes – saltando, de cima para baixo, do chão, etc. O médio-de- formação capta-a



e chuta na direcção do jogador-alvo, 11, colocado na linha lateral, treinando o pontapé directo ou com ressalto antes da saída e (com o 11 na posição alternativa), o «pontapé a seguir», na área dos 15 metros.

A pressão pode ser introduzida juntando dois avançados como oposição, 6 e 3, que arrancam em envolvimento do formação mal a bola sai das mãos de 5.

10. JOGO À MÃO E AO PÉ (Com oposição, um contra um.)

Equipamento: uma bola.

Objectivo: treinar a execução de ponta-

pés rasteiros e sua captação.

Dois médios-de- formação trabalham juntos, num «canal» com cerca de cinco metros de largura. O primeiro chuta rente à

relva na direcção do outro, que capta a bola e a devolve da mesma forma. Cada um deles tenta fazer recuar o outro no terreno.

## CONDIÇÃO FÍSICA

Um equilibrado programa de treino com pesos deve fazer parte da preparação física.

## PODER

O jogador deve, por meio de flexões, desenvolver a força do tronco e dos braços.

## VELOCIDADE

Um trabalho de qualidade deve ser executado ao ar livre, de botas com «pitons», com e sem bola, contra-relógio, em distâncias até 40 metros, partindo de uma posição inclinada, correndo curvado, com mudanças de direcção.

## «STAMINA»

Velocidade e «stamina» devem ser desen-

volvidas, com corridas intervaladas até 600 metros.

É necessária resistência na corrida:

- a subir uma encosta;
- a correr sobre areia solta ou pequenas pedras;
- na água com pouca altura;
- ou arrastando um qualquer objecto.



## O RUGBY INGLÊS “POR DENTRO”: UMA “ATITUDE” DIFERENTE

JOSÉ PAIXÃO \*

Jogar em Inglaterra é um sonho legítimo da grande maioria dos jogadores portugueses. Sonho que se prende fundamentalmente com aquele «espírito» que, através da T V, nos entra pela casa dentro, pelo menos cinco vezes por ano desde o final dos anos 60. Bem haja, por isso, Serafim Marques.

«Espírito» que nos tem sido também transmitido por alguns dos nossos dedicados educadores rugbísticos. E tão poucas vezes nós, os jogadores, os temos compreendido. Não é verdade, engenheiro Pinto de Magalhães e Pedro Ribeiro?

«Espírito» que tive o raro privilégio de conhecer mais por dentro e do qual gostaria transmitir alguns dos aspectos que mais me impressionaram. Desde já digo que me foi deveras difícil alinhar estas linhas tantos foram os temas que me surgiram na mente. Decidi-me pelo jogador e forma com que encara o jogo.

Começo por relatar um dos muitos episódios que me impressionaram ao longo destes meses de prática do rugby em Inglaterra.

Numa fria tarde de Novembro, coube-nos defrontar um clube de tipo tradicional, o Cheshunt, a fazer este ano uma época notável. O meu clube, o Imperial College R. F. C., com equipas exclusivamente compostas por estudantes, sente, normalmente, grandes dificuldades perante equipas de clube, com maior campo de recrutamento e mais experiência. Assim aconteceu.

Com uma pontualidade que escusava referir, lá estávamos, às 14 e 30, com duas equipas (A e B) para defrontarmos, em dois relvados contíguos, as congéneres equipas do Cheshunt. Eu joguei na equipa B e desde o apito inicial do árbitro se tornou notória a diferença entre os «quinzes» em presença. De um lado uma equipa madura, com uma avançada forte e coesa, impondo o seu jogo.

\* Jogador do Técnico, actualmente radicado em Inglaterra.

Do outro, a minha, com jovens de valor, mas «tenros» para aquelas andanças.

Pois bem, vamos ao que interessa. Estávamos já nos últimos minutos do jogo, quando uma bola que não saiu pela linha lateral permitiu ao Cheshunt um contra ataque, do qual resultou um novo ensaio. O resultado, que seria o final, passava para 33-3 a favor dos nossos anfitriões.

Acabara a bola de ser poisada na nossa área de ensaio quando ouvi, da parte de dois companheiros meus a frase: «my fault» (culpa minha!). Era o homem que pontapeara deficientemente e outro que falhara uma placagem no decorrer da jogada.

### EMPENHAMENTO PERANTE O JOGO

Na altura espantou-me o facto de um jogador reconhecer humildemente o seu erro, sem falsas desculpas, perante os companheiros, que nada haviam dito, acentuê-se. Espantou-me porque estava habituado ao contrário. Tal como me espantou ouvir o «capitão» de equipa dizer «thank you» a um jogador que acabara de executar com precisão um ordem sua, como, por exemplo, colocar na «touche» uma bola a partir de uma penalidade.

Mas, porque raio eram assim tão importantes quatro pontos num resultado de 30 de diferença entre duas equipas B e que não contava para nenhuma taça, campeonato ou o que quer que fosse? Foi a interrogação que não pude deixar de me pôr a mim próprio, enquanto desfrutava o prazer do banho de imersão no tanque, após o jogo.

A respostra viria a encontrá-la, partida após partida, na atitude de empenhamento total que a grande maioria dos jogadores revela perante o jogo. Sim, perante o jogo e não apenas durante o jogo. Por exemplo, a preparação física é de quase inteira responsabilidade individual de cada jogador. E nas sessões colectivas habituei-me a ouvir com frequência um praticante dizer para outro: «vá



tem de fazer, só faltam tantos...». Garanto-vos que o ouvi da parte de jogadores da primeira à sexta equipa!

O «rugyman» britânico tem um prazer enorme em jogar. Assim se compreende os dois jogos que fazemos por semana, tal como a maioria dos clubes. Mais dois treinos, às vezes três, com um ao domingo de manhã (com jogo na véspera). Bradava aos céus cá pelas nossas bandas, onde tudo pára às vezes 15 dias só por causa de um jogo. Não era?

E acrescentando que desses jogos apenas uma dezena conta para uma competição? E que isto acontece em todos os clubes em geral?

Certo que não pretendo esconder as condições maravilhosas, em termos de campos e instalações que os clubes desfrutam. O vasto número, a eficiência e assiduidade dos árbitros. Sobretudo a tradição, que um século de prática dá ao rugby nas Ilhas Britânicas. Ao contrário, o rugby em Portugal ainda é muito novo e, por isso mesmo, com frágeis estruturas e alguns erros que só os anos podem melhorar.

Por esta mesma razão importa aproveitar o melhor possível a experiência e ensinamentos de outros. Sem alimentar ilusões quanto à implantação de um momento para o outro de este ou aquele padrão.

Possível e desejável, na minha opinião, para os jogadores portugueses é modificar a sua atitude face ao jogo. O «modelo britânico» é uma boa meta.



## LEICESTER CONQUISTOU JOHN PLAYER

O Leicester conquistou a «John Player Cup» pela terceira vez consecutiva, ao bater na final da edição de 1981, o Gosforth por 22-15 (12-6, ao intervalo).

Foi a quarta final do Leicester (na primeira que disputou, em 1978 foi batido pelo Gloucester, por 6-3) e a sua vitória ficou a dever-se fundamentalmente à superioridade conseguida a nível do «pack» avançado, que conteve o maior poder do Gosforth nesse sector, que só foi superior na «touche».

As duas linhas atrasadas aproveitaram excelentemente as bolas de que dispuseram conseguindo três ensaios. O Gosforth marcou o seu único ensaio nos últimos momentos do jogo, já na fase de desconto de tempo.

Esta foi a terceira final do Gosforth, vencedor da prova em 1976 e 1977.



Peter Weeler ergue a John Player Cup, no final do encontro com o Gosforth. Um gesto que se repetiu pela terceira vez consecutiva

## BÉZIERS CAMPEÃO DE FRANÇA

Ao bater o Bagnères, no Parque dos Príncipes por 22-13, na final, o Béziers coonquistou o campeonato de França da I divisão.

Com este triunfo — alcançado após um jogo extraordinariamente emotivo e espectacular — o Beziens conseguiu uma proeza

difícilmente igualável: a conquista de nove títulos — o primeiro clube a atingir tal marca — desde 1961, com a particularidade de entre 1971 e 1981 ter obtido «só» oito!

Superior nas linhas atrasadas, onde conta com jogadores como Aguirre, Gourdon e

Bertranne, o Bagnères que dispôs de muito jogo alargou-o ao máximo criando muitas dificuldades ao campeão. Este que tem no «pack» (Palmié, Esteve e Paco, etc.) a sua maior arma, aguentou o ímpeto adversário, e acabou por resolver o jogo a seu favor.



Terry Holmes prepara-se para abrir a G. Davies — uma ligação perfeita que contribuiu largamente para a vitória galesa

## GALES: TERMINAR EM BELEZA

O País de Gales venceu o «XV do Presidente», por 27-21, no jogo que marcou o encerramento das comemorações do centenário da WRU, e que foi transmitido pela RTP.

Sob arbitragem do galês Ken Rowlands, as equipas alinharam: GALES — Stephens, Philips e Price; Martin e Wheel; Burgess, Squire e Lewis; Holmes (4.4) e G. Davies;

Donovan (4), Richards, Gravell e Rees; Evans (3.4.3.3.2).

«XV DO PRESIDENTE» — Orr (Irlanda), Wheeler (Inglaterra) e Fitzpatrick (Irlanda); Beaumont (Inglaterra) e Haden (Nova Zelândia); Rives (França) (4), Lomu (África do Sul) e Shaw (Nova Zelândia); Loveridge (Nova Zelândia) e Ella (Austrália). Moon (Austrália), Slack (Austrália), Johnston (Escócia) e Irvine (Escócia) (3.2.3.2.3); Pienaar (África do Sul).

## ROSSLYN VENCEU «MIDDLESEX SEVENS»

O Rosslyn Park venceu o torneio de Seven-a-Side do Middlesex, ao bater o London Welsh, na final, por 16-14. Esta tradicional competição do condado da capital britânica tem a sua derradeira jornada no segundo sábado de Maio e marca, em Twickenham, o encerramento da época inglesa, constituindo a «festa» do rugby inglês.

De assinalar que o Rosslyn Park, capitaneado por Andy Ripley, conseguiu finalmente uma vitória numa final em Twickenham (foi finalista vencido nos Middlesex Sevens de 78 e 80 e na John Player de 75 e 76); a derrota do Richmond (logo na primeira eliminatória), vencedor da prova 74, 75, 77, 79 e 80); e a carreira surpreendente de um pequeno clube de uma escola de Londres, o Borough Road College, afastado somente nas meias finais pelo London Welsh.

# assine

**RUGBY**  
REVISTA

Preencha o cupão, recorte-o e envie-o  
juntamente com o seu cheque ou vale do correio, para:  
RUGBY-REVISTA  
Rua Augusto Gil, 12-2º Esq.  
1000 LISBOA



QUERO ASSINAR RUGBY - REVISTA

NOME: \_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_\_ PROFISSÃO: \_\_\_\_\_

MORADA: \_\_\_\_\_

A partir do n° \_\_\_\_\_

8 Numeros - 280\$00

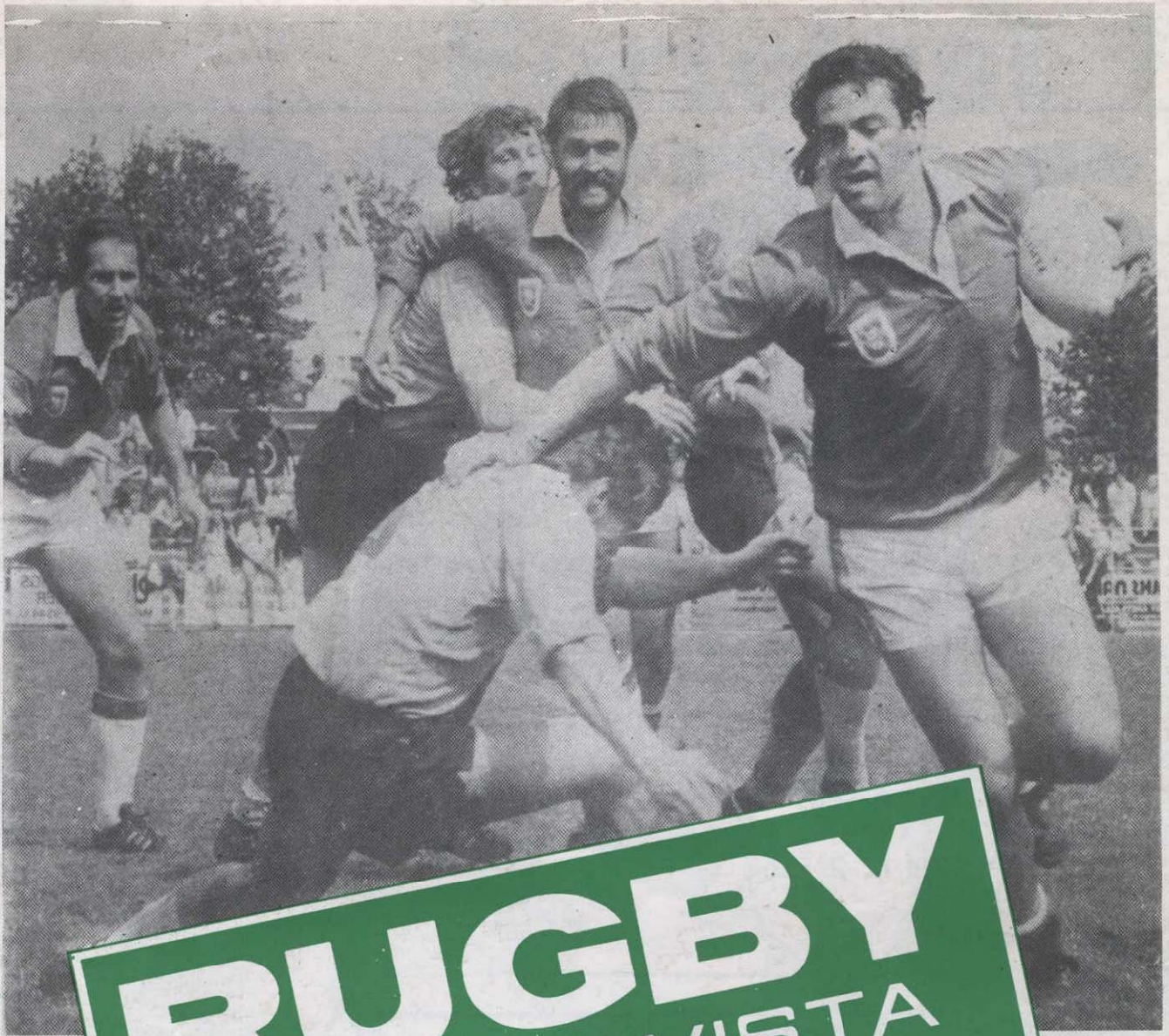
JUNTO ENVIO A IMPORTÂNCIA  
EM CHEQUE   
VALE DO CORREIO

**RECEBA  
EM SUA CASA**

**rugby-revista**

**PONTUALMENTE  
E SEM MAIS INCOMODOS**





# **RUGBY** REVISTA

**Voltamos  
em Outubro**